

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA



UNIVERSIDADE
NOVA
DE LISBOA

De Vazios Urbanos a Usos Temporários: a linha tênue do abandono
Um estudo sobre o Panorâmico de Monsanto

Juliana Monnerat Achiamé

Mestrado em Estudos Urbanos

Orientador(a):

Doutora Teresa Madeira da Silva, Professora Associada.
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.

Co-Orientador(a):

Mestre Miriam Victoria Fernandez Lins, Professora Substituta.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Outubro, 2022

De Vazios Urbanos a Usos Temporários: a linha tênue do abandono
Um estudo sobre o Panorâmico de Monsanto

Juliana Monnerat Achiamé

Mestrado em Estudos Urbanos

Orientador(a):

Doutora Teresa Madeira da Silva, Professora Associada.
Iscte-Instituto Universitário de Lisboa.

Co-Orientador(a):

Mestre Miriam Victoria Fernandez Lins, Professora Substituta.
Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Outubro, 2022

Agradecimentos

Inicialmente agradeço a minha mãe, Maria de Lourdes, que sempre me ensinou a sonhar. Ao meu pai, Geraldo Augusto, que me viu entrar neste curso de mestrado e infelizmente não está mais aqui para me ver concluir, mas que sempre me motivou a crescer. A minha irmã Camila e ao meu irmão de coração Pedro, por fazerem parecer menos difícil deixar o lugar que a vida inteira chamei de lar. E a minha vó que tornou tudo isso possível de todas as formas existentes.

Um obrigada especial ao meu marido, Jorge Diogo, que sonhou este sonho comigo, muito antes destes 2 anos de curso, e que fez esta caminhada inteira ao meu lado.

Aos meus amigos, antigos e novos, que participaram desta fase da minha vida de alguma forma. Um agradecimento especial a minha terapeuta Lais Sales, por me fazer perceber que este era o lugar que eu realmente queria estar, e não outro.

Agradeço ainda à Universidade ISCTE, NOVA e UNESA, e ao seu corpo docente. Aos companheiros de classe, e em especial a minha orientadora, Prof. Teresa Madeira da Silva, e a co-orientadora Miriam Lins, por todo tempo, atenção e dedicação voltados a este trabalho comigo.

Agradeço, enfim, a todos aqueles que de forma direta ou indireta contribuíram para esta conquista, e principalmente a todos aqueles que vieram antes de mim, e lutaram para que não só eu, mas muitos como eu, pudéssemos ter as oportunidades que hoje tenho.

Resumo

Esta dissertação procura discutir conceitos e práticas relacionadas às intervenções em áreas abandonadas, assim como a transformação de seus usos, através da abordagem de diferentes conceitos associados à requalificação urbana tais como: renovação, revitalização, regeneração e reabilitação urbanas; vazios urbanos, entre usos, usos temporários, flexibilidade espacial arquitetônica entre outros. Para compreender melhor a problemática abordada foi analisada um caso de estudo, o Panorâmico de Monsanto, originalmente criado para ser um restaurante que não demorou a ser fechado e assim permaneceu por longos períodos. Em pouco tempo o seu uso sofreu fortes transformações, passando de “a promessa de Lisboa” para um “ovni perdido”. o Panorâmico de Monsanto não manteve nenhum de seus usos por mais de 3 anos consecutivos tendo sido completamente abandonado e ao descaso, sofreu várias transformações decorrentes da falta de planejamento prévio, sucedendo-se diversas mudanças em seu uso, fazendo com que o edifício se enquadrasse naquilo a que alguns autores designam de “entre usos” e “usos temporários” e que transformaram a realidade espacial da área.

Foi então em setembro de 2020, no período “pós-pandemia” em que a Câmara Municipal de Lisboa decidiu, depois de ter mantido o espaço fechado por meses de lockdown, inaugurá-lo como Galeria de Arte Urbana de Lisboa. Neste sentido, com este trabalho pretendeu-se analisar a sua volubilidade em relação a seus usos, de modo a entender o miradouro como um corpo mutável, de usos flexíveis, sem abster de sua estabilidade arquitetônica.

Palavras chave: Encolhimento Urbano; Vazios Urbanos; Entre-Usos; Usos Temporários; Desenvolvimento Urbano;

Abstract

This master seeks to discuss concepts and practices related with the interventions in abandoned areas, as well as the transformation of its uses, through the approach of different concepts associated with urban requalification such as: renewal, revitalization, regeneration and urban rehabilitation; urban voids between uses, temporary uses, architectural spatial flexibility among others. To better understand the problem addressed, a case study was analysed, the Monsanto Panoramic, originally created to be a restaurant that did not take long to be closed and remained so for long periods. In a short time its use underwent strong transformations, going from “the promise of Lisbon” to a “lost UFO”. The Monsanto Panoramic didn't maintain any of its uses for more than 3 years, having been completely abandoned and neglected, it underwent several transformations resulting from the lack of prior planning, with several changes in its uses, making the building fit in what some authors call “between uses” and “temporary uses” and which transformed the spatial reality of the area.

It was then in September 2020, in the “post-pandemic” period when the Lisbon City Council decided, after having kept the space closed for months of lockdown, to open it as Urban Art Gallery of Lisbon. In this sense, with this work it was intended to analyze its volatility in relation to its uses, in order to understand the viewpoint as a mutable body, with flexible uses, without abstaining from its architectural stability.

Keywords: Urban Shrinkage; Urban Voids; Between Uses; Temporary Uses; Urban Development;

Convenções

Esta tese foi escrita em português do Brasil respeitando o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. O trabalho contém citações literais em português europeu.

Índice Geral

Agradecimentos	1
Resumo	2
Abstract	3
Convenções	4
Lista de Tabelas	6
Introdução	7
I. Enquadramento Teórico	10
1.1. Definição de conceitos básicos da Requalificação Urbana	10
1.2. Renovação e Recuperação Urbana	11
1.3. Revitalização Urbana	12
1.4. Regeneração Urbana	12
1.5. Reabilitação Urbana	13
II. Contextualização de Conceitos: Vazios Urbanos, Entre Usos e Usos Temporários e Flexibilidade Espacial Arquitetônica.	15
2.1. Vazios Urbanos: Origem e Políticas de resposta	15
2.2. Vazios Úteis	18
2.3. Entre Usos e Usos Temporários	19
2.4. Flexibilidade Espacial Arquitetônica	21
2.5. Urbanismo Resiliente	26
2.6. Arquitetura Robusta	29
2.7. Qualidade da Vida Urbana	30
2.8. Gentrificação	33
III. Recorte Urbano - Panorâmico de Monsanto	34
3.1. Descrição do Local	34
3.2. Histórico de Usos do Local	38
3.3. Um exemplo de entre-uso: o Festival Iminente	41
3.4. Leitura do estado atual	44
3.5. Caracterização do Edifício	47
IV. Análises	52
4.1. Análise SWOT	52
V. Considerações Finais	56
Bibliografia	58

Lista de Figuras

Figura 1 - “Regra/excepção, cheio/vazio – 2007”	19
Figura 2 - “Definição de entre-uso”	20
Figura 3 - Panorâmico de Monsanto. Fachada.....	35
Figura 4 - Vista do ultimo andar do panoramico de Monsanto.....	35
Figura 5 - Mural de Vhils. Mural de Vhils.....	36
Figura 6 - Panorâmico de Monsanto.	38
Figura 7 - Interior do Panorâmico de Monsanto.	39
Figura 8 - Abandono do Miradouro.....	40
Figura 9 - Abandono do Miradouro.....	40
Figura 10 - festival Iminente de 2020.	42
Figura 11 - Panorâmico de Monsanto como Museu de Arte Urbana.	44
<i>Figura 12 - Abandono do Miradouro.....</i>	<i>45</i>
Figura 13 - Plataforma	45
Figura 14 - Abandono do Miradouro.....	45
Figura 15 - Interior do Panorâmico.....	46
Figura 16 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso -1.....	48
Figura 17 - Panorâmico de Monsanto. Piso 0.....	48
Figura 18 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso 0.	49
Figura 19 - Panorâmico de Monsanto. Piso 2 esboço da sala de refeições (anos 60).....	50
Figura 20 - Panorâmico de Monsanto. Fotografia da mesma abandonada (2015).	50
Figura 21 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso 4.....	50
Figura 22 - Panorâmico de Monsanto. Corte.....	51

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Diversidade de conceitos flexibilidade.....	23
Tabela 2 - Elementos de projeto facilitadores de flexibilidade. Adaptado.	24
Tabela 3 - Definições e termos de adaptabilidade.....	26

Introdução

A herança de uma cidade enquadra-se a partir de diversas épocas e a partir de isso podemos identificar um histórico de variadas práticas em seus usos. Este trabalho apresenta uma reflexão crítica sobre diferentes conceitos como renovação, revitalização, regeneração e reabilitação urbanas; vazios urbanos, entre usos, usos temporários, flexibilidade espacial arquitetónica, resiliência, entre outros., a fim de retratar a dinâmica dessas abordagens na cidade e o impacto que sua utilização traz para a sociedade atual e seu estilo de vida no dia a dia da vida dos cidadãos.

Lisboa é uma capital europeia que possui alguns vazios urbanos em sua área central, e isso varia desde edificações públicas a comerciais. O Panorâmico de Monsanto, o caso de estudo, abordado nesta investigação, inclui-se no conjunto de edifícios que durante muitos anos se encontrou abandonado. Este edifício possui uma vista privilegiada de Lisboa, consegue abranger 270° de ângulo da cidade, sendo um de seus maiores atrativos enquanto miradouro da cidade de Lisboa.

Localizado em Montes Claros, na zona de Monsanto, na cidade de Lisboa é atualmente alvo de intervenções de diversos artistas que aproveitam o espaço para expor, produzir, criar e manter a arte ativa, mas nem sempre foi assim. Inicialmente projetado para ser um restaurante, o espaço caiu em desuso e manteve-se ativo ininterruptamente apenas pelo período de 2 anos. Para além disso teve diversos outros usos temporários, como a realização de eventos, aluguer para festa, casamentos, batizados, entre outros. Em seu tempo de espaço fechado funcionou de maneira irregular como miradouro, e em setembro de 2020 foi oficializado como Museu de Arte Urbana de Lisboa, uma alternativa de uso que o espaço já vinha desempenhando há algum tempo, mas que apenas nessa altura veio a ser oficializado pela câmara.

Em seu histórico tem funções diversamente variadas, mostrando a efemeridade e flexibilidade do espaço. Durante o período que permaneceu oficialmente fechado mas que captou frequentes visitas de moradores e não residentes de Lisboa, provou o seu potencial como espaço, sendo um sítio que mesmo sem atrativos conscientes e forçados atraiu constantemente a presença de pessoas, e pessoas que se sentiam parte integrante da área ao ponto de atuarem como artistas e transformarem o local, fazendo com que o Panorâmico fosse um

Museu de Arte Urbana antes de receber esta denominação, sendo esta então, uma definição que engloba bem sua essência.

Uma vez que locais abandonados não trazem benefícios para a cidade ou para as pessoas que frequentam o meio, não cumprindo sua função social, decidiu-se então focar na problemática do Panorâmico de Monsanto por ser uma construção de grande porte e localização privilegiada e ainda por ter em seu histórico de uso apenas dois anos de utilização contínua (Martins, 2018).

Metodologia

Para o desenvolvimento desta dissertação, optou-se por relacionar três etapas de pesquisa. A primeira etapa incidiu na coleta do embasamento teórico e conceitual; a segunda etapa inclui a pesquisa territorial, temporal e visual e a terceira etapa incluiu a realização da análise e diagnóstico para aferir as conclusões acerca do tema abordado. Por conta de uma vasta variedade de definições de conceitos semelhantes nas atuações públicas atuais, vê-se a necessidade de, na elaboração deste trabalho, conceitualizar alguns termos de requalificação urbana nas intervenções urbanísticas, que seriam: renovação e recuperação Urbana, revitalização urbana, regeneração urbana, reabilitação urbana; juntamente com outras definições variantes dos aspectos remetidos por estes conceitos, sendo estes: qualidade da vida urbana e gentrificação, abordagem está pertencente à primeira parte do trabalho: enquadramento teórico.

Na segunda parte, chamada de "Recorte Urbano", pode encontrar-se o estudo e a avaliação do instrumento urbano de pesquisa, neste caso o Panorâmico de Monsanto. Foi realizado um levantamento de usos do local em seu histórico, uma descrição do mesmo, uma leitura de seu estado atual, e uma pesquisa do seu processo de reabilitação durante os anos em que permaneceu em vida, visando trazer um enquadramento temporal e territorial. Por último na terceira parte, foram realizados as análises e o diagnóstico do que foi estudado, incluindo uma análise SWOT sobre o local de estudo, e uma pesquisa sobre o sentido do lugar, o Genius Loci elementos importantes para a realização de uma conclusão.

Identificação do problema e objetivos

O período de desindustrialização deixou de herança para a cidade de Lisboa inúmeras áreas abandonadas entregues ao descaso e abandonadas em processo de ruína. Muitas destas encontram-se ainda hoje à espera de novos usos ou refém dos usos temporários.

Esta dissertação de mestrado possui como objetivo central: trazer as conceitualizações do tema de vazios urbanos, entre usos e usos temporários e flexibilidade espacial arquitetônica no Panorâmico de Monsanto aos subtemas de definição de conceitos básicos da requalificação urbana, retratados em seu corpo de trabalho para maior compreensão do objeto de estudo e de seu enquadramento temático, viabilizando assim uma compreensão mais ampla do tema que está sendo discutido e da proposta deste trabalho. Como segundo objetivo pretende-se identificar as problemáticas geradas pelo local e por seu histórico de atividade, assim como as propostas que teve para a sua utilização. Após fazer uma revisão acerca de um de conceitos, podemos ter uma maior compreensão dos obstáculos do quais estamos falando, e, por conseguinte, será possível identificar e questionar com mais clareza as problemáticas.

A avaliação de seus usos. Esta fase é possível uma vez que pretendemos identificar o histórico do local e a partir daí conseguimos criar uma linha de seus usos e funcionamentos. Sua importância é fator essencial do trabalho, possibilitando ser possível mostrar variadas alternativas e respostas aos usos assim como entender a flexibilidade que um edifício desta natureza pode comportar.

I. Enquadramento Teórico

1.1. Definição de conceitos básicos da Requalificação Urbana

Requalificação Urbana é um termo comumente utilizado para definir intervenções de natureza arquitetônica, paisagística e urbana no espaço público. A expressão requalificação traz em si o sentido de recuperação, e o conceito de requalificação urbana aborda o recuperar de um espaço que está atualmente em estado de degradação. É possível então recuperar um lugar, espaço, cidade, vila, aldeia, esquina, etc. através de ações. Essas ações podem ir desde o mais pequeno detalhe social, sendo ele de caráter econômico ou qualitativo, até ao trabalhar da imagem do local, fornecer acesso ao emprego, assim como a administração das questões relacionadas com a infraestrutura e, portanto, incluindo os aspectos sociais, ambientais, econômicos e físicos (CEDRU, 1990).

Uma população que tem maior capacidade de avaliar o espaço público - seja por acesso a escolaridade, segurança social ou por subsídios fornecidos - consegue absorver uma percepção das condições ambientais e de seu valor, e uma vez que as pessoas possuem consciência do valor de um espaço, elas têm uma maior tendência a conservar e a manter o espaço preservado. Diferente de lugares em situações mais insalubres, que acabam despertando nos utilizadores a sensação de insegurança, falta de pertencimento e uma não identificação com o espaço.

Requalificação urbana é, portanto, definido como: o “processo social e político de intervenção do território, que visa essencialmente (re)criar qualidade de vida urbana, através de uma maior equidade nas formas de produção. De um acentuado equilíbrio no uso e ocupação dos espaços e na própria capacidade criativa e de intuição nos agentes envolvidos nesses processos”. (Ferreira, Lucas e Gato, 1999).

Por conta de uma vasta variedade de definições de conceitos semelhantes nas atuações públicas atuais, na elaboração deste trabalho será necessário conceitualizar alguns termos de políticas urbanas nas intervenções urbanísticas, que seriam: Renovação e Recuperação Urbana, Revitalização Urbana, Regeneração Urbana, e Reabilitação Urbana, juntamente com outros conceitos intimamente relacionados como seriam: Vazios Urbanos, Vazios Úteis, Entre Usos e Usos Temporários, Flexibilidade Espacial Arquitetônica, Urbanismo Resiliente, assim como a definição e

o comparativo entre Arquitetura Robusta versus Arquitetura Flexível e a contextualização do Espaço Existencial e a Arquitetura.

1.2. Renovação e Recuperação Urbana

O conceito de Renovação Urbana está voltado para as construções que podem ser consideradas como desusadas, ou seja, que caíram em desuso da população. Desde modo, é um conceito utilizado para rotular construções que virão a ser substituídas por outras novas, em certos casos com morfologias diferentes da anterior. (Moura et al., 2006).

No caso de catástrofes, guerras e renovações indiscriminadas, podemos utilizar o conceito de recuperação urbana. Este conceito trata de uma intervenção baseada em uma ruptura, está associado ao edificado e à sua manutenção e tem como objetivo principal construir edificações degradadas ou alteradas por um percurso anterior sem tanta qualidade. (Moreira, 2007).

Nos cenários de cidade pós segunda guerra mundial conseguimos ver este conceito aplicado em grande escala. Na Alemanha, por exemplo, é possível ver em Munique um grande cenário de recuperação de edifícios anteriores à guerra. Já em Berlin, prevalece a recuperação do período pós-guerra.

Ambos os conceitos estão em desuso no século XXI, principalmente porque este tipo de utilização está em sua maioria associado a eventos do passado e catástrofes, onde algumas vezes é a única resposta técnica para o problema, mas também porque os usos e exigências atuais pedem outras características, fazendo esta técnica não ser a mais viável.

Atualmente, este conceito está associado a preocupações com a identidade populacional das cidades e do património, assim como com preocupações relacionadas com a sustentabilidade e os resíduos que as construções e demolições causam. Apenas a justificativa de inviabilidade técnica e contaminação do solo são argumentos para utilização de renovação como solução. Com as cidades em constantes evoluções e com o aumento do ritmo a qual as áreas urbanas se transformam, torna-se cada vez mais inviável manter a proposta de solução utilizando renovação e recuperação urbana.

1.3. Revitalização Urbana

Surgindo no período pós-guerra onde as zonas de construção, industrial e portuária tornaram-se naturalmente defasadas e envelhecidas, e numa altura onde as políticas urbanas não ofereciam grande suporte, o conceito de revitalização urbana veio com a função de suprir necessidades de cidades que precisavam de uma renovação.

Sendo o ato de revitalizar entendido como dar novos usos, dar nova vida, trazer novos ares e novas caras para o que está recebendo o ato, podemos definir então revitalização urbana como o processo de “tornar a vitalizar, dar nova vida (...), fazer intervenções em edifícios ou áreas urbanas com o fim de torná-los aptos a terem usos mais intensos, torná-los atrativos para desencadear atividades que garantam a vitalidade da área” (Pisani, 1999). Já Colin, define a revitalização urbana como sendo um conjunto de ações que promovem a vida econômica e social por meio de desenvolvimentos urbanos sustentáveis que proporcionam ao meio a conservação e proteção ambiental aos recursos existentes no local (Colin, 2008).

Estas definições citadas trazem ao conceito de Revitalização Urbana a ideia de que estas alterações têm o poder de impulsionar o espaço através de novas atividades atrativas, trazendo assim novas fontes de atração e fazendo a economia girar.

1.4. Regeneração Urbana

Podemos dizer que Regeneração Urbana é uma forma de pensar e produzir espaço urbano, sendo a regeneração urbana a atualização que uma cidade sofre de forma geral com o passar dos anos. Surgindo em 1990 (Robert e Sykes, 2000), podemos afirmar que este conceito não é um conceito novo. Tem em sua intenção a criação de oportunidades econômicas e sociais para a cidade interligando políticas público-privadas, sendo herdada de uma inicial preocupação com a qualidade de vida da população e com as expectativas ambiental e sustentável que se idealizam nos projetos urbanísticos. Independente do grau ou da intensidade da transformação que pretende ser feita, existe a ideia de um desenvolvimento funcional atuando como resposta a um período anterior de declínio.

O conceito de Regeneração Urbana também pode ser visto como uma oportunidade de repensar toda a estruturação de um espaço que está baseada em

uma organização já existente, podendo assim adaptar o meio a forma mais atual onde se incluam todos os critérios sociais e de interesses locais.

O livro *Urban Regeneration. A Handbook* (2000), traz na visão dos autores Peter Roberts e Hugh Sykes o conceito de regeneração urbana como algo ainda pouco sólido, apesar de na época em que foi escrito já existir várias experiências de regeneração urbana nas cidades há algumas décadas. Uma das suas intenções de estrutura é justamente a reavaliação da oportunidade de reformulação de vazios urbanos, conceitualização que poderá ser melhor compreendida mais a frente.

A propósito deste conceito destacamos algumas estratégias que a Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos em Portugal estabeleceu como Plano de Ação de Regeneração Urbana, sendo elas: fomentar a revitalização urbana; promover a reabilitação dos edifícios natureza pública que se encontram degradados; modernizar as infraestruturas públicas e torná-las mais eficientes; promover a sustentabilidade ambiental, cultural, social e económica dos espaços urbanos e a remoção de barreiras de acesso; requalificar os espaços verdes, os espaços urbanos e os equipamentos de utilização coletiva; promover a melhoria geral da mobilidade; qualificar e integrar as áreas urbanas especialmente vulneráveis, promovendo a inclusão social; fomentar a adaptação de critérios de eficiência energética nos edifícios e espaços públicos designadamente iluminação e promover a preservação e valorização do património cultural e ambiental.

Pode-se assumir que a estratégia da regeneração urbana se baseia em fornecer uma resposta a problemas urbanos específicos em função de seus contextos, sendo específico em seu planejamento e, portanto, distingue-se das demais intervenções por ter um posicionamento estratégico, e não apenas de alterações e renovações do espaço (Tallon, 2010).

1.5. Reabilitação Urbana

O conceito de reabilitação urbana é definido em vocabulário PLANO DE ATIVIDADES DGT 2021. Documentos anuais de gestão. DGT - Direção-Geral do Território. do Ordenamento do Território de 2000 como o processo de transformação do espaço urbano, na execução de obras de conservação, recuperação e readaptação de edifícios e espaços urbanos para melhorar as suas condições de uso e habitabilidade.

De acordo com o Regime Jurídico das Sociedades de Reabilitação Urbana de 2004, a reabilitação urbana é definida como o processo de transformação do solo urbanizado, que compreende a execução de obras de construção, reconstrução, alteração, ampliação, demolição e conservação de edifícios.

Segundo o Estatuto dos Benefícios Fiscais de 2003, a reabilitação de um prédio urbano é definida como a execução de obras destinadas a recuperar e beneficiar uma construção para corrigir anomalias construtivas, funcionais, higiénicas e de segurança.

Das abordagens aqui apresentadas podemos compreender que reabilitação urbana se prende mais com a recuperação e readaptação de edifícios, no entanto, também pode implicar a transformação do solo urbanizado

II. **Contextualização de Conceitos: Vazios Urbanos, Entre Usos e Usos Temporários e Flexibilidade Espacial Arquitetônica.**

Com o passar do tempo e das mudanças de prioridade populacional em escala social o crescimento e desenvolvimento das cidades traz a longo prazo novas questões a serem resolvidas, uma vez que ao longo dos anos novas problemáticas vão surgindo. Nas páginas que se seguem, este trabalho pretende discutir os processos dos vazios urbanos, quanto à sua origem, efeitos e políticas de resposta. Após esta discussão, os usos temporários são apresentados como uma das possíveis soluções para esses vazios. Neste contexto é importante reforçar a ideia da qualidade da vida urbana como referência de um ideal saudável e aspirado para a coletividade.

2.1. Vazios Urbanos: Origem e Políticas de resposta

Segundo Solà-Morales “uma área sem limites claros, sem uso atual, vaga, de difícil compreensão na percepção coletiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro” (Solà-Morales, 1995, pp.118-123).

Associado à desindustrialização, o termo surgiu por Jean Labasse em 1966, sendo precisamente “Friches Sociales” que significa em tradução livre *vazios sociais*. (Labasse, 1966). Os vazios urbanos são deferidos de vastas áreas privadas que, ao serem negadas a seus usos iniciais, transformaram-se em locais abandonados por não conseguirem engatar novos usos de mesma dimensão. Sendo então classificados pelo termo não apenas pelas antigas indústrias, galpões desativados, depósitos de lixo, ferrovias, e o mais, mas toda edificação que por ter seu uso inicial negado tornou-se com o tempo e com a degradação natural fadado ao desuso e abandono. Posto isso, todo empreendimento desativado é considerado um vazio urbano.

Os espaços degradados não podem ser considerados inutilizáveis à cidade, deste modo, os termos de renovação, revitalização, regeneração e requalificação urbanos citados anteriormente neste texto, constituem ferramentas para evitar todo e qualquer tipo de retroalimentação da dinâmica de exclusão.

A origem do tema surgiu no pós segunda guerra mundial, no contexto das cidades europeias. Podemos citar Berlin como um exemplo da herança deixada pela expansão contínua do espaço no período industrial, que deu origem a grandes áreas devastadas e com padrão irregular. É curioso perceber que os vazios urbanos na escala de abandono foram então outra hora cheios urbanos, locais onde se realizavam e aconteciam atividades, atividades estas que eventualmente caíram no descaso, abandono e esquecimento da sociedade e de seus governantes. Um vazio é definido pela falta de atividade e vida que ali (não) acontece. (Monte, 2017)

Com a estratégia governamental de reverter este cenário com estudos de planejamento urbano nas áreas que sofrem/sofreram acontecimentos deste tipo, fez com que este fenômeno passasse a fazer parte de uma discussão entre o urbanismo e a arquitetura. As cidades livres do encolhimento urbano, ou seja, aquelas que têm desempenho ativo no crescimento econômico e populacional, tem uma predisposição menor a ter áreas sem função comparadas com outras cidades sem crescimento. Em suma, a medida em que o crescimento de uma cidade sobe, diminui a área de abandono da mesma, já que o poder econômico de uma cidade está diretamente ligado ao registro do abandono de um lugar e ao tempo que dura o abandono até ao seu novo uso.

Diversidade de usos em cidades densas transformam suas demandas, fazendo com que sejam mais seguras e acolhedoras, pelo contrário, áreas vazias e degradadas contribuem para insegurança local e de quem ali transita. Estas consequências são vistas atualmente por conta de problemas passados como o crescimento desordenado e acelerado das cidades. A grande problemática social destes vazios é que além de serem locais propícios à marginalidade. No entanto, poderiam ser, com apoio governamental, locais com uma urbanidade positiva, habilitando-se assim a ser exatamente ao oposto, como por exemplo através de investimentos para a criação de instituições, ou para espaços urbanos de uso coletivo para os seus habitantes.

O mau uso dos espaços vazios nas cidades entra na cadeia de espaços desconsiderados ambientalmente quando uma parcela da população que já possui locais para certos tipos de atividades acaba por “colonizar” outros locais, apossando-se assim destes lugares em ruína, ação esta que poderia ser evitada se a cidade possuísse usos em seus espaços e não o deixassem a margem do abandono.

Um local renegado de suas intencionais funções acaba recebendo sub usos, que nem sempre são positivos para a cidade e sua sociedade, como é o caso de locais abandonados que recebem usos irregulares e não passíveis de regulamentação. Um local abandonado que se torna propício para atos de criminalidades, como a violação, por exemplo, tende por se tornar associado a um histórico de acontecimentos que faz com que cada vez mais o interesse da população de ali estar seja afastado, sendo está uma das razões de tamanha urgência na requalificação destas áreas.

Algumas vezes podemos associar a falta de utilização dos locais citados a eventos de característica econômica e do planejamento urbano, no caso de projetos de iniciativa privada, ou até mesmo características provenientes das alterações demográficas ou acontecimentos históricos. Os fatores dessas causas variam de acordo com a cidade, mas é comum encontrar nos grandes centros o fator influência da desindustrialização, já antes referido.

Marianna Monte (2017) cita em sua tese de doutoramento SenStadt como um autor que aponta a importância de os proprietários dos vazios urbanos cederem seus usos ainda em bom estado para a criação dos entre-usos. E aponta que não são todos os vazios que são atrativos. No caso, por exemplo, de locais que tenham sua localização com difícil acesso, serão necessários investimentos para reparações básicas, e que, se ainda assim não existir demanda de empreendedores convenientes, estes lugares permanecerão como vazios. (SenStadt *apud* Monte, 2017).

Existe uma disposição com pré-requisitos mais relevantes para a seleção de um vazio urbano como local de uso temporário. A localização, a oferta de área, o custo do espaço, o suporte proveniente de locomoção pública na área (podendo ser meio de locomoção e qualidade das vias) são algumas condições que podemos citar que influenciam na hora de eleger um lugar. (SenStadt *apud* Monte 2017).

A realização de um uso pode vir a ser custosa quando neste existem programações e concessões para um projeto no local. Por mais que o lugar em si reúna as características antes citadas como fundamentais para adoção de um uso, este fica comprometido por conta da pressão criada pelo imaginável desenvolvimento, valor patrimonial, e pressão para que a exploração comercial cresça, favorecendo os proprietários, que então tendem a inviabilizar ao invés de apoiar os entre-usos. (SenStadt 2007b:45)

A especulação imobiliária, que acaba por mapear áreas vazias da cidade, é uma realidade. Os vazios urbanos com fins especulativos acabam por virar áreas urbanizadas nas cidades contemporâneas, o que acaba por influenciar a lógica morfológica forçada a reestruturação dos espaçamentos da mancha urbana. Os espaços urbanos inativos e desocupados com fins especulativos dificultam e encarecem novas implantações e manutenções de serviços públicos, causando elevação do valor do solo urbano nas áreas centrais estratégicas. O resultado dessa equação são pessoas com menor poder aquisitivo vendo-se obrigadas a retirar-se para zonas mais afastadas que possuam menor valor para se manter, atitude essa que contribui para degradação sócio-espacial.

Muito se fala (de maneira crítica) acerca da subutilização dos espaços urbanos, sobre a transformação da imagem da cidade e sobre possíveis investimentos. Estes vazios urbanos estão disponíveis, mesmo que envelhecidos e degradados, as táticas de requalificação antes citadas devem ser postas em prática.

Concordando então que os vazios urbanos são um dano para a cidade e que existem aspetos para serem corrigidos, podemos afirmar que, em termos urbanísticos, a verdadeira ausência não consiste na falta de dimensão edificada, mas na falta de uma pendência, ou uso, ou na existência de um equívoco.

2.2. Vazios Úteis

O conceito de vazios úteis baseia-se nos vazios que nasceram a partir do desenvolvimento da cidade tradicional, atualmente identificados como largos e praças, que são propriamente vazios considerados úteis por terem surgido com o intuito de exercer essa funcionalidade, fornecendo espaço para atividades públicas e sendo ponto de encontro.

A reversibilidade existente entre os cheios e vazios simboliza um sistema que continua a ser investigado de forma conceitual em múltiplos domínios. Em termos filosóficos, por exemplo, os cheios e os vazios são alçadas equivalentes, sendo eles espaços de relação, promovendo aos edifícios e às pessoas que o frequentam noções de escala e de orientação.

Como então se definem os limites dos cheios e vazios?; quais tipos de relações?; de que forma se estabelece o seu começo?; Estas são questões que podem ser analisadas.

Nas cidades em que a morfologia se baseia no quarteirão, por exemplo, onde há uma criação integrada do desenho dos vazios constituindo o espaço público juntamente com o edificado, as ruas e as praças tem o seu espaçamento bem definido. Assim, vemos um conjunto diversificado de ocorrências sendo ele próprio (o vazio), uma ocorrência.

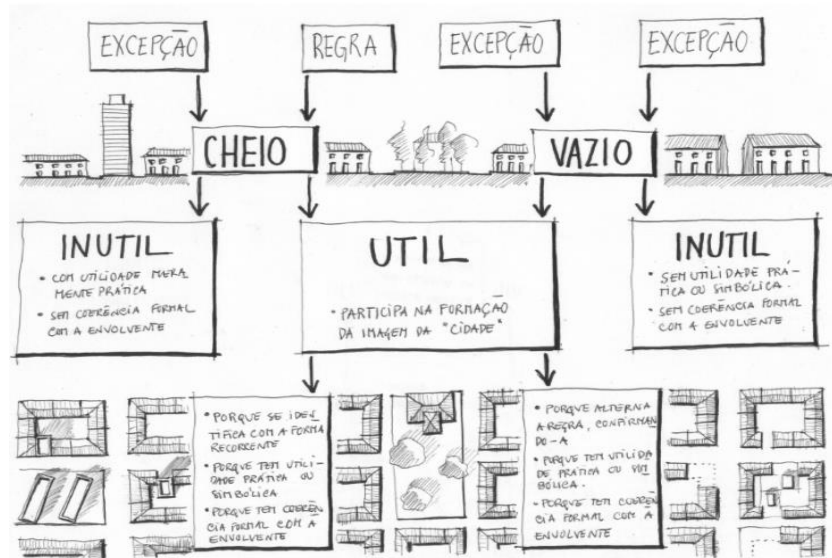


Figura 1 - "Regra/exceção, cheio/vazio – 2007"

(Fonte: Jorge, P. F. (2019). *Vazios Úteis - Cerzir a Cidade*).

Podemos então definir as zonas de quarteirões e calçadas, os recuos obrigatórios à frente de uma edificação ou mesmo os espaços internos de quarteirões como simplesmente *vazios úteis*, mas sendo estes vazios necessários, também podemos denominar de espaço livre.

2.3. Entre Usos e Usos Temporários

O conceito tem origem germânica, oriundo da palavra *Zwischennutzungen*, que é definido por Bürgin e Cabane (1999) como utilidade provisória assumida pelo local em questão, sendo ele um espaço ou construção que esteja no status de vazio ou abandonado. (Bürgin e Cabane *apud* Monte, 1917). Em sua particularidade de definição está a característica de aptidão de usos ainda não utilizados anteriormente e que não sejam o mesmo que o uso original, o primeiro, ao qual o local foi criado para atuar. Bürgin e Cabane defenderam que os entre-usos são usos específicos e limitados, surgindo de forma espontânea e descontraída. (Bürgin e Cabane *apud* Monte, 1917).

Desde a criação do urbanismo no século XIX que este está em frequente alteração, e com isso, também a forma como seus espaços e construção são utilizados, assim como a prioridade e necessidade de seus usos. Colomb, (2012) afirma que fatores políticos, ambientais e econômicos podem influenciar o tempo que um espaço tem entre um uso e outro, fornecendo tempo suficiente para os entre-usos acontecerem. (Colomb *apud* Monte, 1917).

Segundo Marinna Monte, Arlt (2006) defende a teoria de que os entre-usos ganham espaço nos locais quando estes não estão na aspiração do mercado imobiliário, ou seja, longe dos holofotes dos investimentos e dos interesses dos investidores. (Arlt *apud* Monte: 2017).

Quando interrompido um uso, o espaço pode adotar um entre-uso ou imediatamente um novo uso. Um não deve ser confundido com o outro, já que o entre-uso tem como essência principal o uso provisório e o novo uso tem essência principal o uso continuado.

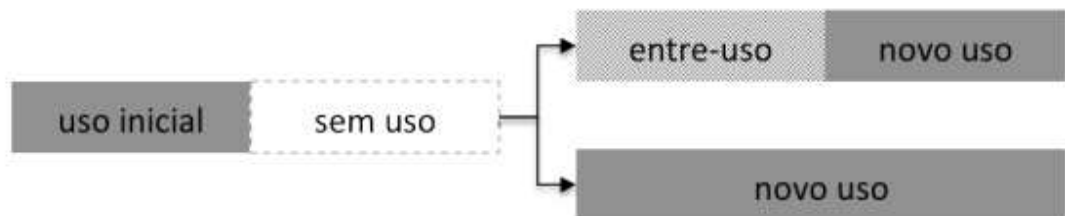


Figura 2 - "Definição de entre-uso".

(Fonte: Monte, M. 2017).

Segundo a mesma autora, os usos temporários também são diferentes dos entre-usos, mesmo que este tenha caráter temporário. Arlt (2006) traz a particularidade dos entre-usos serem mais utilizados quando existe uma falha, uma vaga no ciclo econômico do local, quando encontramos vulnerabilidade no espaço: quando o mesmo está desocupado, inutilizável, sem uso e com caráter abandonado. Os usos temporários são, nada mais do que eventos que tenham data de início e data de fim, acontecimentos que tenham prazo determinado e que comecem com o intuito de acabar, e que aconteçam de forma pontual, por exemplo feiras, ruas que são fechadas a partir de certa hora para serem utilizadas por pedestres ou por bares e restaurantes, eventos e ações publicitárias, entre outros. (Arlt *apud* Monte, 2017).

2.4. Flexibilidade Espacial Arquitetônica

O que é flexibilidade?

Existem diversos termos que podem ser utilizados para definir a flexibilidade espacial arquitetônica. Se formos procurar o significado de "flexibilidade" de forma grosseira, podemos facilmente encontrar no dicionário por exemplo a definição de "1. Qualidade de flexível. 2. Elasticidade, destreza, agilidade, flexão (...) 3. Facilidade de ser manejado; maleabilidade. 4. Aptidão para variadas coisas" (Ferreira, 2013).

Vários autores utilizam termos distintos para classificar o significado de flexibilidade, mas podemos seguir a linha de que todas as buscas por definição se relacionam com a qualidade do espaço físico em adaptar-se às necessidades e expectativas de seus utilizadores (Digiacomo, 2004).

Flexibilidade na arquitetura

Se trouxermos o termo para arquitetura conseguimos avaliar o conceito de maneira teórica ou prática, variando de acordo com o autor que vamos estudar, podendo sobressair a alterações físicas do espaço, utilizações do mesmo e ir de encontro a percepção de prestabilidade, atuação, multifuncionalidade, versatilidade, pluralidade, variedade, aperfeiçoamento, e outras coisas mais.

Não devemos, no entanto, confundir flexibilidade com adaptabilidade, uma vez que a flexibilidade está ligada diretamente às partes mais sólida dos edifícios, sendo as menos alteráveis como seu sistema estrutural. Nos artigos de Rabeneck et al., "Housing Flexibility?" (1974) e "Housing Flexibility/Adaptability?"(1974), é possível encontrar a defesa de que é necessário considerar alguns elementos específicos para que uma arquitetura possa ser caracterizada como flexível, como por exemplo grandes vãos, divisórias removíveis, instalações desvinculadas a obra em si, portas e janelas com localização estratégica para que possa ser feita de maneira fácil alguma modificação de posições internas, não possuir iluminação fixa, e assim por diante.

Alguns autores como Steven Groák (1992) e Schneider e Till (2007) defendem a ideia de flexibilidade como algo que inclui alterações físico espaciais, isto é, onde a mudança e transformação vem ligada diretamente não apenas ao interior da forma como também sua parte externa, relacionada com sua forma e técnicas.

Existem também autores que definem flexibilidade de uma forma mais ligada a polivalência de um local, como é o caso do arquiteto holandês Hertzberger em seu

livro “Lições de arquitetura” publicado em 1991, que define polivalência como algo inerente, sendo um molde que serve a diversos usos sem que precise sofrer mudanças, utilizando uma flexibilidade mínima ou nula em sua solução.(Hertzberger, 1991).

O conceito de flexibilidade se fundamenta na existência do contraponto ao rígido, e se alicerça em uma versão em que não existe uma solução exata ou certa para cada necessidade. Antes julgava-se que a criação de projetos neutros resolveria a questão da pluralidade de funções, mas Hertzberger opõem-se alegando que esta iniciativa na verdade trazia a falta de identidade as construções, e assim o autor estimula a abdicação desta forma de pensar uma compreensão comunitária de padrão, personificação e regra geral, incentivando para uma direção em que a concepção dos espaços vem das múltiplas possibilidades e funções, onde a arquitetura poderia facilmente sofrer diversas alterações possíveis, variando de indivíduo e de acordo com a personalidade e necessidade de cada um, não alterando a identidade do projeto original.

Arquitetura Flexível

A arquitetura flexível caracteriza-se pela capacidade de adaptação espontânea dos edifícios e dos espaços às necessidades dos ocupantes através da qualidade do espaço físico. (Barbosa, 2016). O conceito de flexibilidade pode ser analisado de uma perspectiva teórica ou de um ponto de vista mais prático. Na tabela 1, criada por Barbosa e adaptado de Albostan (2009) podemos ver uma síntese dos principais pontos sobre a definição deste conceito segundo vários autores e arquitetos, entre eles Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town (1973;1974), Herman Hertzberger (1991), Steven Groák (1992), Gerard Maccreeanor (1998), Adrian Forty (2000), Tatjana Schneider e Jeremy Till (2007).

FLEXIBILIDADE		
Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town	1973 1974	A “flexibilidade” é proposta em oposição ao “funcionalismo feito à medida”. As tentativas falhadas da flexibilidade são criticadas por alegadamente remeterem para uma “falácia da liberdade através do controlo”. A habitação flexível deve ser capaz de oferecer “escolha” e “personalização”. O conceito de flexibilidade lida com a “técnica construtiva e distribuição de serviços”.
Herman Hertzberger	1991	No desenho flexível “não existe uma solução única preferível a todas as outras”.
Steven Groák	1992	A flexibilidade chama a atenção para a “capacidade de responder a várias disposições físicas possíveis”.
Gerard Maccreanor	1998	A flexibilidade é “uma ideia desenhada que leva ao colapso do esquema de distribuição convencional”. “A flexibilidade não implica a necessidade de mudança intermináveis nem a ruptura com a fórmula convencional”.
Adrian Forty	2000	“A incorporação da “flexibilidade” no desenho, iludiu os arquitetos com a possibilidade de projetar o seu controle sobre o edifício no futuro, para lá do período em que seriam responsáveis”.
Tatjana Schneider e Jeremy Till	2007	A flexibilidade na habitação é “alcançada alternando a matriz física do edifício”.

Tabela 1 - Diversidade de conceitos flexibilidade.

(Fonte: Barbosa, M. Adaptado de Albostan (2009), 2016: pp.19 -20).

Segundo a perspectiva de Barbosa, para Rabeneck (1973), existe uma distinção entre os conceitos de flexibilidade e adaptabilidade, onde a flexibilidade está relacionada à forma como as partes permanentes e fixas dos edifícios são configuradas. Para Groák, a flexibilidade é uma adequação dos arranjos físicos espaciais, válidos para interiores e exteriores. Para Schneider e Till (2007), a flexibilidade é a capacidade de transformação e mudança. Hertzberger (1991), introduz o conceito de polivalência, que é uma forma que se presta a diversos usos

sem que ela tenha de sofrer mudanças. Já a flexibilidade é quando pretendemos dar um uso diferente do originalmente concebido, mas que chegue ao ponto de perder a sua identidade. Maccreanor identifica três tipos de flexibilidade: flexibilidade por meios técnicos, com a incorporação de elementos móveis; flexibilidade por redundância espacial, que envolve um espaço tão amplo que cria condições ideais para acomodar usos diferenciados e a flexibilidade como estratégia política, possibilitando a multifuncionalidade. Assim, podemos concluir que a flexibilidade pode ser definida pela capacidade da construção física de alterar-se e adaptar-se de acordo com as circunstâncias. (Albostan *apud* Barbosa, 2016).

O conceito flexibilidade pode ser dividido, no âmbito temporal, em flexibilidade inicial ou conceptual e flexibilidade permanente ou contínua. A flexibilidade inicial ou conceitual é a criação de alternativas desde a concepção inicial ainda na fase de projeto. A flexibilidade permanente ou contínua corresponde à possibilidade de modificar o espaço e uso ao longo do tempo. (Albostan *apud* Barbosa, 2016).

Barbosa a partir de Finkelstein (2009) apresentou quatorze elementos de projeto facilitadores a serem considerados nas estratégias de flexibilidade. Na tabela em baixo apresentamos somente seis por serem aqueles que são observados no Panorâmico do Monsanto:

Elemento Facilitador	Descrição
Mobiliário como divisória	Possibilita integrar, isolar e definir espaços domésticos, em qualquer tempo e independente da construção.
Núcleos de circulação vertical	Permite flexibilidade em projetos com mais de um pavimento de altura.
Fachada livre	A fachada pode ser projetada sem impedimentos.
Varanda na fachada	Promove maior liberdade aos interiores.
Ambiente único	Espaço onde não existam divisórias internas.
Terraço	permite ao usuário a sua intervenção, quando vazio.

Tabela 2 - Elementos de projeto facilitadores de flexibilidade. Adaptado.

(Fonte: Barbosa, M. adaptado de Finkelstein (2009), 2016: pp.31-32).

Segundo Barbosa, (2016) ao procurar prover a habitação de capacidades adaptativas à mudança, otimiza-se os recursos envolvidos, proporcionando-lhe um valor agregado. Eles oferecem mecanismos para prolongar a vida útil das unidades, evitando a desconstrução precoce.

Segundo a mesma autora e na perspectiva de Finkelstein (2009) são apresentados dois tipos de flexibilidade, a “flexibilidade de forma intrínseca” e a “flexibilidade de forma projetada” (Barbosa, 2016: 34). Na flexibilidade de forma intrínseca, ela é caracterizada por esta autora da seguinte forma:

- Espaços neutros; possibilidades de transposição de espaços - os projetos apresentam flexibilidade devido à sua forma neutra. Possibilitam vários rearranjos na sua distribuição;
- Flexibilidade inicial, várias alternativas de plantas para escolha.
- Na flexibilidade de forma projetada, ela é caracterizada por:
- Diversas possibilidades de distribuições espaciais das atividades;
- Mudanças ao longo do dia/noite - alterações nos espaços com a chegada do dia ou da noite;
- Projetos inacabados;
- Projetos expansíveis - garantem aumentar a área da habitação;
- Possibilidade de subdividir/integrar espaços - possibilitada pelo uso de elementos facilitadores.

(Barbosa, adaptado de Finkelstein (2009), 2016: pp. 34-35).

Segundo a autora, as definições de adaptabilidade e flexibilidade são confundidas, pelo que apresentamos na tabela abaixo a definição deste conceito dadas por: Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town (1973;1974), Herman Hertzberger (1991), Steven Groák (1992), Gerard Maccreeanor (1998), Adrian Forty (2000), Tatjana Schneider e Jeremy Till (2007) e sintetizadas pela autora (Barbosa, 2016: 37).

Adaptabilidade		
Andrew Rabeneck, David Sheppard, Peter Town	1973 1974	A adaptabilidade está relacionada com o “planejamento e distribuição” de um edifício, incluindo o tamanho das divisões e a relação entre estas.
Herman Hertzberger	1991	-
Steven Groák	1992	A adaptabilidade chama à atenção para a “capacidade de responder a diferentes usos sociais”.
Gerard Maccreanor	1998	A adaptabilidade é “uma forma diferente de encarar a flexibilidade”.
Adrian Forty	2000	-
Tatjana Schneider e Jeremy Till	2007	A adaptabilidade em habitação é “conseguida através do desenho de divisões ou unidades que podem ser utilizadas de diferentes formas”.

Tabela 3 - Definições e termos de adaptabilidade.

(Barbosa, M. adaptado de Albostan (2009), 2016: pp. 34-35).

2.5. Urbanismo Resiliente

O que é resiliente?

“As transformações que, ao longo dos últimos cem anos, em particular a partir dos anos 50, se deram no território português colocam-nos perante contradições a que, como arquitetos, não podemos fugir: como é possível que, num século em que tanto se construiu, o sentimento mais generalizado seja o de que o País ‘está destruído’? A falta de distanciamento temporal, (...) o carácter ‘vulgar’ de grande parte da produção e o recurso a tecnologias e materiais perecíveis fazem com que a arquitetura do século XX não seja sequer reconhecida como algo ameaçado de degradação e extinção. E, no entanto, como nos ensinou Fernando Távora, património é só um, passado, presente e futuro. O século XX faz parte dessa herança, que nos cabe preservar e ampliar”

IAPXX: Inquérito à Arquitetura do século XX em Portugal. (2006)

Lisboa: Ordem dos Arquitetos.

Resiliente é um termo antigo que ganhou força nos últimos anos. Dada a variedade de significados do termo *resiliência*, são muitos os estudiosos que conceitualizam e estudam o termo. Resiliência deriva do conceito “resilire”, que significa maleabilidade, ou seja, que se pode alterar sem perder a essência, ou seja, podendo voltar ao estado original. Estudiosos como Tedeschi e Kilmer (2005) acreditam que a resiliência é um caminho de desenvolvimento contínuo que representa a efemeridade positiva referente às circunstâncias.

Para Hudson (2010), a essência de resiliência abriu portas na literatura política como um objetivo normativo da gestão ambiental e uma integrante chave do desenvolvimento sustentável, citando o autor em tradução livre, resiliência é “um adaptativo sistema que ajusta e responde de maneiras que não prejudicam a eficácia funcionando, permanecendo em uma trajetória de desenvolvimento existente ou fazendo a transição para uma nova”. (Hudson, 2010)

Design resiliente

Quando adotamos resiliência em um edifício, podemos avaliar a eficácia da capacidade que seu uso assume, observando os desafios para assim conseguir recuperar de decepções, adversidades e conseguir desenvolver objetivos claros e realistas que permitam dissolver problemáticas, atuando de maneira confortável para prover uma maior integração entre a proposta e o uso.

No livro *Design like you Give a Damn* de Stohr e Sinclair (2012), podemos ver diversas estratégias trazidas pelos autores que abrangem a temática de edifícios temporários, ao qual seus usos podem ser relativos ou mesmo a estadia do designer pode ser circunstancial, consoante o lugar e a necessidade do local em que o mesmo estiver.

Algumas arquiteturas podem ser utilizadas através de mais do que uma forma, alterando uma estrutura, elevando a altura do teto, optando por utilizar coberturas do espaço abertas ou fechadas, ou mesmo trazendo um novo uso a esses espaços, como é o caso dos contêineres, por exemplo.

O designer resiliente proporciona alternadas opções de usos, formas e soluções a um mesmo espectador ou utilizador. Podemos usar como exemplo de solução resiliente o caso de uma escola que solicita fazer uma obra em seus corredores pois quando toca o sinal do recreio o espaço mantém-se sobrecarregado,

enquanto em outros horários permanece quase que completamente vazio. A solução pode ser encontrada em alterar os horários de recreio entre as turmas, diminuindo assim a quantidade de utilizadores na proporção que melhor fosse favorável; Em exemplos de formas, podemos trazer construções que tem a opção de abrir e fechar, utilizar ou não alguma cobertura, ativadores de painéis solares que seguem o movimento do sol, entre outros; e como exemplo de usos resilientes temos os espaços de coworking, que conseguem transformar-se de dez salas de entrevista para uma enorme sala de reunião apenas realocando algumas divisórias.

Deste modo, um edifício resiliente pode ser avaliado pela eficácia da capacidade que seu uso assume, observando os desafios para assim conseguir recuperar de decepções, adversidades e conseguir desenvolver objetivos claros e realistas que permitam dissolver problemáticas, atuando de maneira confortável para prover uma maior integração entre a proposta e o uso.

O “habitar” não é só dentro de casa

Conforme a natureza e os espaços sociais vão-se alterando, os seres humanos e a sua relação enquanto indivíduos com os espaços (públicos e privados) acompanham o processo de mudança das sociedades, adotando e absorvendo novos estilos de vida. Nesta medida, é possível notar, por exemplo, rotinas e conceitos sociais herdados, que antes eram vividos em intimidade dentro de casa sendo agora vivenciados na cidade, em um meio compartilhado com pessoas conhecidas ou não.

O habitar coletivo e a habitação privada não são opostos entre si se colocarmos em pauta que habitamos não apenas a casa em que moramos, mas também o bairro que residimos, a cidade, a paisagem, o território e tudo aquilo que nos rodeia a volta.

A flexibilidade espacial constitui-se assim, com o decorrer do tempo, da seguinte forma: o mesmo espaço, que antes servia perfeitamente para um indivíduo ou uma família, continua a manter a sua função de útil para novos moradores dali ou mesmo aos exatos moradores que ali continuam, e mantem-se disponíveis a partilhar de novas necessidades que, anos depois, seguem sendo adaptada e supridas no mesmo espaço.

O antropólogo Marc Augé possui um estudo sobre o conceito de não-lugar, baseando a noção de um não lugar é um lugar onde não se vive, no qual o utilizador permanece anônimo e solitário, ou seja, um local onde não acontecem reuniões, não

se constroem referências comuns para um grupo, o que significa que não possui significado suficiente para ser considerado um lugar. Ao tentar explicar o conceito de não-lugar, o autor associou a significação ao que se contrapõe à noção de lugar antropológico. Segundo Baptista e Pais (2019), esse conceito reforça a ideia de que os lugares contemporâneos, cada vez mais perdem as suas dimensões antropológicas e sociológicas tradicionais, associando-se a uma imagem mediatizada que se destaca da experiência real do espaço vivencial. (Baptista, L. S.; Pais, M. R., 2019)

Nas últimas décadas, profissionais das ciências sociais humanas como urbanistas, geógrafos, antropólogos e sociólogos têm apresentado novos conceitos do que designamos como cidade, com o intuito de rotular e descrever o território da urbanizado contemporâneo. Esta perspectiva atesta o quão complexo é o trabalho de definir a identidade de um lugar, além das vastas definições que encontramos referentes às tipologias urbanas (Baptista, L. S.; Pais, M. R., 2019).

2.6. Arquitetura Robusta

Uma arquitetura robusta permite que um lugar possa ser usado para vários propósitos, não havendo uma limitação para apenas uma utilização fixa. (Bently. et alt, 1999).

A este propósito podemos referir-nos ao Panorâmico de Monsanto como tendo uma arquitetura robusta. Assim o Panorâmico foi originalmente desenhado para ser um restaurante, mas devido à sua arquitetura robusta, o espaço já foi utilizado como escritório, hotel, discoteca, centro de treino para cães, labirinto para festas infantis, casamentos, bingo, ou seja, uma grande variedade de outro tipo de propósitos. Isto acontece porque o espaço é arquitetonicamente robusto por permitir utilizar o espaço das mais diversas formas. Após o local ter-se tornado abandonado, o espaço é atualmente um miradouro devido à sua posição estratégica no Monsanto, concedendo uma vista de quase 360° sobre a cidade de Lisboa, o rio Tejo e margem Sul do rio. Apesar da sua adaptação para o miradouro, ele já foi usado para festivais de música e para exposições de arte urbana.

Como podemos observar, tanto a zona interior como a zona exterior têm robustez arquitetônica, podendo distinguir entre robustez de larga-escala e robustez de curta-escala. Segundo Bently et alt, 1999, a robustez de larga-escala tem a ver

com a habilidade do edifício ou espaço, como um todo, e com o facto de ter várias utilizações a longo prazo. A robustez em curta-escala é a habilidade de espaços em particular do edifício ter várias utilizações. (Bently et al, 1999).

Existem três fatores-chaves na robustez a longo prazo: a profundidade do edifício, os acessos e a altura. A maior parte dos edifícios precisam de luz natural e ventilação (profundidade), precisam de ligações com o mundo exterior (acesso) e quanto mais alto é um edifício, maior a dificuldade de criar acessos para o mundo exterior (altura). (Bently et al, 1999). O Panorâmico é um edifício com um formato de cilindro, e bastante aberto, tendo muita luz natural e ventilação, tem muitos acessos ao mesmo e é um edifício baixo.

2.7. Qualidade da Vida Urbana

São muitas as expressões populares utilizadas para definir quem somos: "nós somos o que comemos", "nós somos o que vestimos", entre outras, sendo irônico não haver uma que diga "nós somos onde moramos". O local onde vivemos tem influência direta em nossa vida, afetando nossa forma de viver, a qualidade com que vivemos, e nossas buscas de consumo.

A avaliação da qualidade de vida começou com o movimento dos indicadores sociais nos Estados Unidos na década de sessenta, abordando a preocupação com elementos sociais, políticos, psicológicos e culturais, baseando-se em seus valores para medir o bem-estar das populações. O intuito da quantificação destas medidas como "boas" ou "más" é a identificação de problemas em escalas para então se conseguir solucionar e avaliar o sentido das mudanças sociais tendo como objetivo principal pôr em prova a eficácia das políticas sociais, estabelecendo as ações prioritárias e avaliando o impacto das políticas públicas, reconhecido por organizações internacionais como a ONU, a UNESCO, a OCDE e a CEE (Pinto, 2004).

O espaço público se evidencia a partir de uma escala que corresponde à territorialidade que lhe pertence, mas também está integrada e relaciona-se a uma escala de proximidade. Os espaços públicos possuem características de continuidade e descontinuidade na sua distribuição em um território, e essas características estão diretamente ligadas aos usos do mesmo, quando associados à capacidade de circulação deste espaço e deslocamento de sua territorialidade.

Já existe, portanto, uma estratégia técnica de Infraestrutura Verde, abordada por Cecilia Herzog e Lourdes Rosa, que é usada para definir soluções urbanas naturais ou seminaturais que causem benefícios ecológicos, econômicos e sociais para a população explorando os espaços verdes. Elevando o conceito de biofilia, que carrega a afeição e a necessidade de satisfação proporcionada pela atuação de tudo que é vivo e vital, em outras palavras, traduzido como “amor a vida”. Apesar de ter sido utilizada para várias definições, chegou-se a um consenso de que a palavra simboliza um sinal de saúde física e mental, e seus estudos comprovam os benefícios adquiridos e elevados que conviver com a natureza traz para saúde humana.

Os benefícios da infraestrutura verde, além da biofilia, são diversos, podemos observar melhora no bem estar e na qualidade de vida dos seres humanos quando estamos mais frequentemente em lugares arejados, iluminados, frescos, limpos, belos, etc., além de melhoras econômicas causada pela geração de novos empregos, valorização de imóveis, temos as melhoras ambientais, que abrangem conservação a biodiversidade natural do local e adaptação às alterações climáticas, e as melhoras sociais, que envolvem exemplos sólidos como drenagem de água, espaços verdes, e exemplos indiretos, que é a influência que uma área com vida pode refletir em uma cidade e na sua população, diminuindo da criminalidade, melhorando da saúde mental, entre outros.

O adensamento indiscriminado das cidades, a diminuição do espaço de convívio - não só das áreas urbanas, mas também do espaço interno das residências-, a degradação do ambiente urbano, degeneração das condições de saúde associadas à poluição e aos estresses do estilo de vida urbano são exemplos dos malefícios causados pelo crescente número de população que todos os anos adota a vida na cidade. Faz-se, então, necessária a atuação da regeneração urbana baseada nas abordagens da infraestrutura verde como uma tentativa de proximidade das áreas verdes que, com a urbanização acelerada, o processo industrial e a urbanização das cidades afastaram de seus munícipes, para assim resgatar a aproximação.

Podemos observar também que cada vez mais temos visto a humanidade se isolando da natureza, indo morar em cidades grandes, urbanas, que por sua vez estão cada vez mais cheias, refletindo em apartamentos cada vez menores. Todo esse crescimento nos afasta do que é nativo, originário, nos afasta da natureza, e Edward O. Wilson em seu segundo livro intitulado “A hipótese da biofilia” (1993) aponta estudos que comprovaram que a biofilia é uma tendência genética e que seu contato

tem que ser estimulado para que essa conexão se transpasse. Sendo a biofilia a necessidade que sentimos de estar em contato, interagir e nos relacionarmos com a natureza, a defesa citada propõe que adotemos design biofílico para dentro de nossos ambientes, uma vez que passamos 90% do nosso tempo em ambientes fechados. Assim dizendo, a necessidade desse convívio é um dos fatores que comprova que as regenerações urbanas têm grande influência na manipulação da qualidade de vida urbana, seja ela para o bem ou para o mal. (Wilson, 1993)

Os lugares que frequentamos influenciam diretamente na nossa saúde física e mental. Um estudo brasileiro coordenado pela arquiteta Maíra Macedo que avalia produtividade e saúde nos escritórios baseado no World Green Building Council, levanta a importância da biofilia do rendimento dos funcionários. Estudos de qualidade de vida comprovam que pessoas que vivem em casas insalubres ou sujas têm, por exemplo, maior tendência a obter problemas psíquicos no momento ou futuramente.

A requalificação urbana possui grande relevância no setor social de um ambiente que está a vir a ser recuperado, pois possui a importante função de proporcionar às pessoas que ali residem uma integração no meio, que pode vir desde cursos profissionalizantes à centros infantis, fornecendo a mulheres mães a oportunidade de acesso ao mercado de trabalho, permitindo assim que as pessoas daquela região alcancem maiores rendas de salário. Uma população que tem maior capacidade de avaliar o espaço público -seja por acesso a escolaridade, segurança social ou por subsídios fornecidos- consegue absorver uma percepção das condições ambientais e de seu valor, e uma vez que as pessoas possuem consciência do valor de um espaço, elas têm uma maior tendência a conservar e a manter o espaço preservado. Diferente de lugares em situações mais insalubres, que acabam despertando nos utilizadores a sensação de insegurança, falta de pertencimento e uma não identificação com o espaço.

Quando falamos de um recorte urbano como o Panorâmico de Monsanto por exemplo, podemos indicar o Monsantos Open Air Lisboa, o Festival Iminente, e outros eventos decorrentes no local como a demonstração de um modelo atribuindo uma organização mais racional, onde a cultura, turismo, sustentabilidade, o social, política, urbana, e todas as dimensões do evento, individuais e coletivas, sejam voltadas a valorização da importância da programação musical no alargamento cultural.

2.8. Gentrificação

Sendo um dos conceitos utilizados para definir a cidade, a gentrificação, traduzido do inglês “gentrification”, derivado de “gentry”, tem sua primeira origem do francês que significa “de origem gentil, nobre”. Podemos definir este termo como sendo um processo de alteração das dinâmicas espaciais do local, seja um bairro ou cidade, onde são construídos novos comércios, residências e edifícios, trazendo assim a valorização da região e com isso tornando custosa a permanência da baixa renda local. (Oliveira, 2012)

A primeira pessoa a nomear a definição de gentrificação foi à socióloga Ruth Glass (*apud* Rangel), que observou no processo alterações urbanísticas onde áreas centrais, operárias e desvalorizadas da cidade de Londres ganharam moradores de classe média, que compravam casas e as remodelaram, aumentando o valor capital da região e trazendo assim a modificação dos valores sociais, causando uma nova definição do valor do bairro. (Rangel, 2015)

Quando acontece um processo de gentrificação em um local, todas as pessoas são afetadas, se não pela deslocação e impossibilidade de manter costumes, convívios e identidade já enraizados em suas rotinas, mas também quem fica, por também terem suas rotinas alteradas, perder contato – identidade e laços- com moradores e também por ser diretamente afetado pela convivência com as obras que são realizadas em seu entorno.

Algumas táticas são usadas para conseguir retirar os moradores dos locais, desinformação, cortes de serviços e negociação individual são três que podemos citar. A desinformação funciona quando a prefeitura faz falsas promessas de permanência no local, negociação falha e até mesmo promessas de moradia em habitações públicas incertas. Este processo é prejudicial aos moradores porque acarreta situação de estresse psicológico e vulnerabilidade que podem durar anos. (Oliveira, 2017)

Com o sentimento de desconfiança em instituições administrativas da sociedade, a população começa a enxergar os movimentos sociais como alternativa para fazer mudança social. Esses grupos surgem na crise de projetos e ideias que representam ameaça para parte das pessoas. Com isso, os indivíduos sentem uma maior necessidade de agir por conta própria. (Gaffney, 2014)

III. Recorte Urbano - Panorâmico de Monsanto

“O sentido é invisível, mas o invisível não é o contrário do visível: o visível possui, ele próprio, uma membrana invisível, e o invisível é a contrapartida secreta do visível (...) o sensível, o visível deve ser para mim a ocasião de dizer o que é nada. O nada é nada mais (nem nada menos) que o invisível. Partir de uma análise do erro filosófico total que é acreditar que o visível é presença objetiva (ou ideia dessa presença).

Maurice Merleau-Ponty, *Le Visible et l’Invisible*, 1964

No seu livro *Viagem ao Invisível*, Luís Santiago Baptista e Maria Rita Pais (2019) abordam profissionais com diferentes formações que fizeram um percurso de viagem atrás de obras caracterizadas com identidades ocultas, esquecidas ou flutuantes, e dentro deste trabalho encontramos o Panorama do Monsanto, onde é feita uma breve contextualização sobre o projeto.

Localizado no Parque do Monsanto, o Panorâmico de Monsanto foi, inicialmente, projetado pelo arquiteto Keil do Amaral, e tinha como partido ser um projeto adossado ao terreno, sóbrio e de plenitude horizontal, condizente com outros equipamentos desenhados pelo mesmo para o Parque do Monsanto. A sua ideia veio do presidente da Câmara da época, o General França Borges, que resistindo a proposta de Keil do Amaral, fez o arquiteto afastar-se do projeto dando espaço ao arquiteto Carlos Chaves Costa, que possui em seu currículo o Panorâmico de Monsanto como sua obra mestra.

3.1. Descrição do Local

Dono de uma vista privilegiada, é possível observar do miradouro, locais bastante distantes como por exemplo o aeroporto, o Aqueduto de Águas Livres, toda a Ponte 25 de Abril, e diversos pontos da Margem Sul.

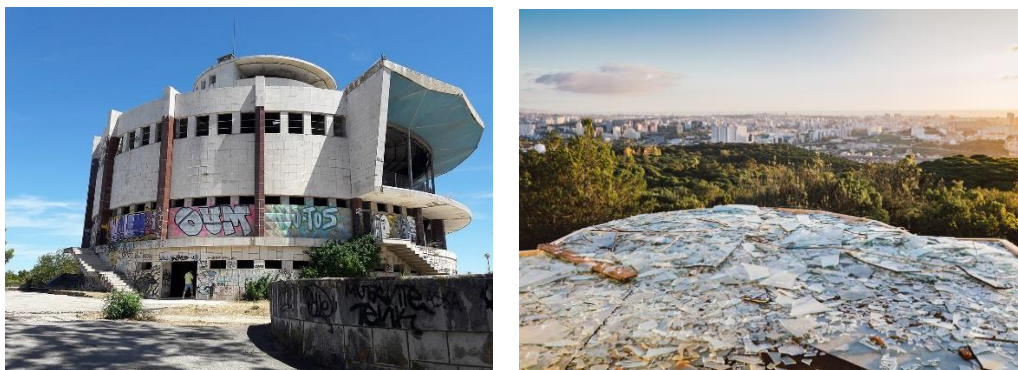


Figura 3 - Panorâmico de Monsanto. Fachada.

(Fonte: Wikipédia. Acesso: https://pt.wikipedia.org/wiki/Restaurante_Panor%C3%A2mico_de_Monsanto)

Figura 4 - Vista do ultimo andar do panorâmico de Monsanto.

(Fonte: Rui Gaiola. Acesso: <https://m.facebook.com/1503727283234509/photos/a.1503729486567622/1503729176567653/?type=3>)

Durante o tempo em que esteve aberto o Panorâmico serviu não só como restaurante, mas também de palco para apresentações, batizados, grandes eventos e até mesmo festas de casamento. Nos anos que o Panorâmico permaneceu fechado oficialmente o espaço ainda conseguiu manter visitas diárias de curiosos turistas e também de moradores que aproveitavam o espaço para socializar com amigos, fazer piqueniques, ver o pôr e o nascer do sol, enfim, inúmeras atividades que a localização e a vista privilegiada do espaço proporcionavam.

De entre as obras de artes expostas nos espaços do Panorâmico podemos citar uma pintura mural de Luís Dourdil, um painel de azulejos com imagens de Lisboa antes do terramoto de 1755 realizado pela ceramista Manuela Ribeiro Soares, um baixo relevo de granito criado pela escultora Maria Teresa Quirino da Fonseca, um carro em contato com a natureza e um lobo de Tamara Alves, uma escultura metálica em seu exterior, assinada pelo ilustrador Diogo Machado, uma cama de betão em seu interior feito pela artista plástica Wasted Rita, e mais recentemente um mural do Vhils feito em homenagem à ativista carioca Marielle Franco.

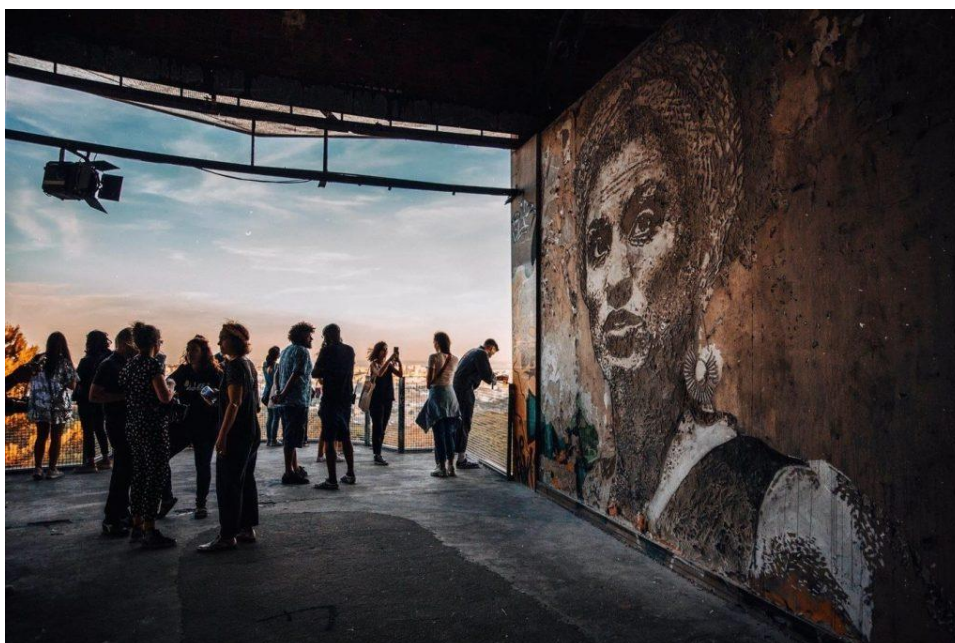


Figura 5 - Mural de Vhils. Mural de Vhils.

(Fonte: Nelson Rodrigues. Acesso: <https://lisboasecreta.co/o-novo-mural-de-vhils-tem-vista-para-a-cidade/>)

Ao observarmos a construção do edifício conseguimos reparar em algumas características mais marcantes que chamam atenção não só em relação com seu entorno imediato, como também com a cidade numa relação mais longínqua. Seu espaçamento e volumetria destoam do padrão de construções da capital portuguesa e está longe de vir à imaginação de turistas quando imaginam Lisboa com seus telhados de duas ou quatro águas de cor de barro.

Sua estrutura é sustentada por concreto e dividida em sete níveis, diversificadamente revestidos por vidraças, painéis e ferros. A massa edificada e a importância dos elementos decorativos incluídos é o *cartão de visitas* que desperta a curiosidade dos utilizadores deste espaço.

Os aspectos funcionais do edifício do Panorâmico do Monsanto foram alterados de acordo com o tempo e os seus usos nasceram e morreram quase na mesma intensidade, fazendo de seus utilizadores e de sua *pele* um perfil mutável a cada novo uso. Essa característica de alteração de usos fazem parte da sua identidade. As cidades possuem edifícios abandonados que constantemente geram fascínio de curiosos, se nos questionarmos o porquê de o Panorâmico continuar atraindo visitas, talvez encontremos a resposta no seu enigma, decorrente da sua faceta quase mística que prova a passagem do tempo. Apesar de vandalizado e danificado mantém-se belo e erguido.

No espaço existe um sistema social com definições, abrangências e funções. No espaço público podemos verificar a importância dos sentimentos pessoais e de agradabilidade e beleza de seus utilizadores. Podemos observar no Panorâmico de Monsanto uma nuance em sua forma que dentre diversas coisas causa também uma ligação com a sua identidade e de seu público frequentador. A definição da sua individualidade está diretamente relacionada ao *genius loci* e a delimitação do seu significado individual e social.

Há elementos estruturantes do espaço público que propiciavam locais de encontro, de socialização e de representação que por vezes se diferenciam em todo de lugares mais habituais e comuns.

A construção está localizada no Parque Florestal de Monsanto, como mencionado anteriormente, localizado na grande Lisboa. Ambos, o parque e o edifício, pertencem à Câmara Municipal de Lisboa, o que proporciona aos seus visitantes um vasto número de possibilidades exploratórias de atividades a serem realizadas em seu entorno e local, como por exemplo os Parques Recreativos, o Clube Municipal de Tênis, miradouros, o Parque de Campismo, além de ser por si só um local em Lisboa com paisagismo único, e têm em suas atividades a estrutura organizada pelos serviços municipais.

Onde está

Inserido no Parque Florestal de Monsanto, em posição topográfica notoriamente mais alta, cercado pelos bairros de Benfica, Alfragide, Alto da Ajuda, Campolide e Campo de Ourique, o qual, por sua altitude vasta pode ser facilmente observado de outros pontos da cidade e mesmo na Margem Sul.

Como chegar

Como já antes mencionado, seu acesso não é tão facilitado. Se compararmos as imagens X e Y por exemplo, podemos verificar que o mesmo trajeto, partindo do mesmo ponto de Benfica, indo de carro particular demora 15min e de transportes públicos pode levar até uma hora.

3.2. Histórico de Usos do Local

O projeto do Panorâmico de Monsanto tem em seu histórico muitos usos das mais diversas áreas. O que foi criado para ser um restaurante pouco tempo durou e atualmente atua como Galeria de Arte Urbana de Lisboa. Já vestiu as mais diversas capas de finalidades que qualquer outra edificação urbana de Lisboa e mesmo em seus dias mais esquecidos, ainda manteve alguns fiéis visitantes.



Figura 6 - Panorâmico de Monsanto.

(Fonte: Edifícios abandonados: as imagens impressionantes do Restaurante Panorâmico de Monsanto – NiT. Acesso: <https://www.nit.pt/fora-de-casa/07-03-2016-as-imagens-impressionantes-do-restaurant-panoramico-demonsanto/attachment/9336>)

As obras começaram em 1965, depois de 4 anos desde sua encomenda. O local foi escolhido pela sua localização, pela vista digna que poderia proporcionar para um miradouro. Por se tratar de uma localização no Parque Florestal do Monsanto, um dos parques mais emblemáticos de Lisboa, com vistas privilegiadas e considerado o pulmão da capital portuguesa. Foi inicialmente previsto com uma área de 700h de projeto em que teria intenção de vir a ser “um bosque natural e selvagem com centros de interesse para todas as classes da capital” (MONTE, 2017).

O projeto ficou pronto em 1968 depois de 3 anos de construção incluindo a sua estrutura e acabamentos, assim como murais e vidraças que foram encomendadas a artistas diferentes. Manuela Madureira foi uma das artistas que participou na criação das obras do local, sendo a responsável pelo painel cerâmico que está disponível até

aos dias de hoje, e que incluem figuras e cenas da cidade de Lisboa antes do terremoto.



Figura 7 - Interior do Panorâmico de Monsanto.

(Fonte: Miguel Dias/Evasão. Acesso: <https://www.evasao.pt/topicos/restaurante-panoramico-de-monsanto>.13/)

Depois da obra concluída em 1968, não demorou para que o local fosse fechado. Em 1996, o Restaurante do Panorâmico do Monsanto fechou as portas e assim se manteve por 6 anos, até 2002. Mesmo durante os anos em que esteve aberto, o restaurante nunca esteve mais do que 2 anos consecutivos aberto sem fechar.

Entre os anos de 1970 e 2001 o edifício recebeu diversos usos com um caráter intermitente. Para além de restaurante, foi também uma discoteca, um bingo, escritório de empresa de filmagens e armazém de materiais de construção civil. Nos anos 80 a estrutura do edifício sofreu alterações, quando serviu de palco para discoteca e para isso rebaixou piso e meio do edifício. Em 1982 sofreu obras de renovação e expansão que acrescentaram um aumento de 40% da área do local.

Em 1984 aconteceu uma reinauguração do Panorâmico, que contemplava dois restaurantes e uma sala de bingo.

Em 2001 então o Panorâmica volta novamente a ser fechado.



Figura 8 - Abandono do Miradouro.

(Fonte: Miguel Dias/Evasão. Acesso: <https://www.evasao.pt/topicos/restaurante-panoramico-de-monsanto.13/>)

A primeira experiência do edifício depois de tanto tempo fechado e de ter deixado de ser utilizado como restaurante foi em 20 de setembro de 2003 quando serviu de palco para a festa do Super Panorama, promovida pelo evento da Experimenta Design, sendo o único evento que aconteceu na construção naquele ano.



Figura 9 - Abandono do Miradouro.

(Fonte: Miguel Dias/Evasão. Acesso: <https://www.evasao.pt/topicos/restaurante-panoramico-de-monsanto.13/>)

Só então em setembro do ano seguinte é que o edifício voltou a ser pensado para outro uso, quando começaram as obras de adaptação para transformar o espaço em escritórios da CML. Infelizmente, não se sabe se por inviabilidade técnica,

desinteresse, mudanças políticas, ou outra razão as obras não foram concluídas e mais uma vez o edifício foi abandonado.

Entre 2009 e 2013 existiu o projeto para instalação do “Centro Estratégico de Prevenção e Socorro de Lisboa” no local, mas este não vingou e o local esteve mais uma vez em desuso.

É então em setembro de 2017 que o edifício é limpo, são instaladas grades de segurança instaladas e abre oficialmente como miradouro Panorâmico, tendo horário de abertura e encerramento, além de profissionais para auxiliarem na manutenção do espaço em seu horário de funcionamento.

Mesmo enquanto uso de panorâmico, o espaço envolveu em simultâneos eventos musicais, como o Festival do Iminente, que aconteceu nos anos de 2018 e 2019. Conforme esses eventos aconteciam, a construção foi ganhando “heranças” deixadas pelos artistas que ali passavam, como novos murais, novas peças de artes e novas expressões. Em setembro de 2020, depois de ter mantido o Panorâmico fechado por conta da pandemia, que a Câmara resolveu inaugurá-lo como Galeria de Arte Urbana de Lisboa.

Em momentos da pesquisa sobre o histórico acerca dos usos do local é perceptível desde a sua criação o intuito que a construção deveria ter, ou seja, é visível para quem era destinado e por quem deveria ser usado. Infelizmente a função inicial do edifício foi curta e este rapidamente ficou sem função, onde depois da primeira falha foi adquirindo novas ausências em seu uso. Podemos refletir sobre as mudanças políticas que aconteceram nos primeiros anos da edificação, ou talvez trazer em pauta sua difícil localização na influência de seu abandono, mas fica visível na pesquisa o desinteresse da Câmara Municipal de Lisboa em atribuir uma utilização ao local, quase que o colocando como um “filho feio sem pai”, que eventualmente é adotado pela população, que apodera-se espontaneamente de diversos usos potenciais do lugar, e então a Câmara atribui oficialmente um título já usufruto ao local.

3.3. Um exemplo de entre-uso: o Festival Iminente

O Festival Iminente é um evento que nasceu em Lisboa no ano de 2016 e decorre geralmente no último final de semana do verão. Este festival, por duas vezes teve como cenário o Panorâmico de Monsanto. Seu principal atributo é reunir todos

os anos o que há de mais novo na música e na arte, transformando essas duas coisas em uma experiência intensa de três dias em forma de festival. A sua edição do ano de 2020, realizou-se em 3 localizações diferentes, sendo interligadas ao ponto central, - o Panorâmico de Monsanto.

A realização do Festival Urbano de Música e Arte movimenta a cidade de Lisboa de forma turística, sociocultural, econômica, além de trazer outros benefícios como orgulho público, imagem festiva à cidade, entre outros.



Figura 10 - festival Iminente de 2020.

(Fonte: André Pereira/Fantastic. Acesso: <https://www.dn.pt/cultura/uma-edicao-especial-e-solidaria-do-festival-iminente-12025517.html>)

Lisboa consegue, junto com outros eventos realizados, passar a ser conhecida não só como uma cidade com festas, mas sim uma cidade de festas, revelando potencial e ganhando projeção, trazendo junto desta, visibilidade e melhoria da exaltação populacional dos cidadãos, se sentindo pertencentes, ao mesmo tempo que promove vitalidade, competitividade e criatividade na cidade.

O enquadramento de dinâmicas criativas urbanas depende da perspectiva de cada indivíduo. Se olharmos pelo ângulo que afirma que a criatividade na cidade é resultado de eventos que ocorrem ali, posicionamos o Festival Iminente nesse aspecto criativo diretamente como evento e realização do mesmo. Se olharmos pelo ângulo de que a criatividade na cidade depende exclusivamente das pessoas que ali

estão, colocamos então o Festival na postura de ser voltado diretamente à arte e ao artista

Os benefícios que um evento desta natureza é capaz de trazer para a cidade pode ser visto para além da forma cultural, mas também na perspectiva econômica e social, quando proporciona empregos (apesar de temporários), e amplia o contato de pessoas e trocas de bens, entre outros.

O Festival decorre de uma organização com curadoria de Alexandre Farto (também conhecido como Vhils), e tem co-organização da Câmara Municipal de Lisboa e da plataforma Underdogs. O evento é realizado uma vez ao ano, onde promove arte e artistas reunidos de diversas áreas, para expor e partilhar seus trabalhos. Para além disso, este evento permite o envolvimento do público que frequenta o espaço. O acesso dá-se pela venda de ingressos, onde a pessoa interessada elege a atividade de seu agrado e a partir daí, envolve-se no programa.

Durante os anos que o panorama permaneceu fechado oficialmente o espaço ainda conseguiu manter visitas diárias de curiosos turistas e também moradores que aproveitavam o espaço para socializar com amigos, fazer piqueniques, ver o pôr e nascer do sol, enfim, inúmeras atividades urbanísticas que a localização e vista privilegiada do espaço proporciona.

Durante o tempo que esteve aberto o panorâmico serviu não só como restaurante, mas também como palco para apresentações, batizados, grandes eventos e até mesmo festas de casamento. Em 2020 renasceu como galeria de arte pública em Lisboa, inaugurando oficialmente em setembro com horários de abertura e encerramento.

A Câmara de Lisboa realizou em 2017 uma limpeza do local e inseriu gradeamentos e emparedamentos, possibilitando assim a circulação e o acesso seguro no local, que antes de ir conquistando visibilidade na cidade era rotulado como esquecido.

Eventos como o festival, que são notórios, internacionais, regulares e de pequeno/médio porte, trazem imensa visibilidade e com isso agregam seus benefícios, não só à escala local, como também à escala municipal, já que uma vez instaurados ali, valorizam não só o espaço como também a cidade.

Podemos então dizer que o festival é a demonstração de um modelo atribuindo a uma organização mais racional, onde a cultura, o turismo, a sustentabilidade, o social, a política, o urbano, e todas as dimensões do evento, individuais e coletivas,

estão voltadas a valorização da importância da programação musical em detrimento do alargamento cultural.

Florida (2002) sugere que as questões urbanísticas, culturais e sociais de territórios deveriam, na área das políticas públicas, passar pela requalificação dos espaços e das amenidades urbanas para que então este ambiente seja desejável de trabalhar e frequentar e se partirmos do princípio que o Panorâmico do Monsanto é um local que esteve abandonado até setembro de 2020, concluímos que as primeiras edições do festival, tendo sido oficialmente realizadas em um local rotulado como abandonado, podem então ser consideradas um investimento em relação às operações de recuperação do Panorâmico, já que o mesmo já provou - com o festival iminente, por exemplo - conseguir manter lucros e retornos positivos para a cidade.

3.4. Leitura do estado atual



Figura 11 - Panorâmico de Monsanto como Museu de Arte Urbana.

(Fonte: Leonardo Negrão/Global Imagens. Acesso: <https://www.dn.pt/local/panoramico-de-monsanto-a-arte-urbana-ganhou-uma-casa-e-lisboa-agradece-13849996.html>)

Ao observarmos a construção do Panorâmico conseguimos reparar em algumas características mais marcantes que chamam atenção não só em relação com seu entorno imediato, como também em relação com a cidade. Seu espaçamento e volumetria destoam do padrão de construções da capital portuguesa

e está longe de situar os turistas quando imaginam Lisboa com seus telhados de duas ou quatro águas de cor de barro.



Figura 12 - Abandono do Miradouro.



(Fonte: *ncultura*. Acesso: <https://ncultura.pt/os-20-lugares-abandonados-mais-incriveis-de-portugal/>)

Figura 13 - Plataforma

(Fonte: *Noticias ao Minuto*. Acesso: <https://www.noticiasao minuto.com/cultura/1069261/panoramico-de-monsanto-em-lisboa-recebe-o-iminente-em-setembro>)

Sua estrutura é sustentada por concreto e dividida em sete níveis, diversificadamente revestidos por vidraças, painéis e estruturas metálicas. A massa edificada e a importância dos elementos decorativos nele incluídos é o cartão de visitas que desperta a curiosidade dos utilizadores deste espaço.



Figura 14 - Abandono do Miradouro.

(Fonte: *André Correia/Observador*. Acesso: <https://observador.pt/2015/02/08/panoramico-de-monsanto-o-miradouro-perfeito-de-lisboa/>)

Todo edifício origina-se com um objetivo principal de sua fundação, baseada em uma necessidade de um uso específico, e sua permanência o potencializa com valores aperfeiçoados ao longo do tempo, de acordo com as funções que esta construção vai adquirindo. Os aspectos funcionais do edifício foram alterados de acordo com o tempo e os seus usos nasceram e morreram quase com a mesma

intensidade, fazendo dos seus utilizadores e da sua pele um perfil mutável a cada novo uso, tornando essa característica parte de sua identidade.

Observação participante

É muito comum ir ao Miradouro de Monsanto e observar a utilização do espaço como galeria, onde visitantes admiram as suas obras de arte, e outras o utilizam como ambiente artístico, fazendo do espaço um estúdio de fotografia. Algumas outras aproveitam este espaço como miradouro e também utilizam como área de refeição para fazer piquenique, aproveitando a vista agradável e espaço ao ar livre.



Figura 15 - Interior do Panorâmico.

(Fonte: Leonardo Negrão/Global Imagens. Acesso: <https://lulimontealeone.com/miradouro-panoramico-de-monsanto-lisboa/>)

Visto que o Panorâmico possui uma localização afastada do grande centro, é mais comum encontrarmos em seu interior pessoas que estejam ali propositalmente e não porque estavam de passagem ou que foram parar ali “por acaso”, o que me levou a utilizar a entrevista com o intuito de perceber qual a opinião das pessoas pelo local, qual o atrativo que mais chama a atenção e como o utilizador enxerga o espaço.

Podemos definir o Panorâmico de Monsanto como uma fênix que se renova a cada novo uso e a cada visita. Nesta perspectiva podemos dizer que este edifício se enquadra na categoria de designer resiliente na medida em que verificamos uma combinação inteligente de adaptabilidade que os edifícios adotam para sobreviver através dos usos e das mudanças sociais a que estão submetidos, contendo uma

vasta diversidade de usos em seu histórico.

3.5. Caracterização do Edifício

O edifício está localizado no Parque Florestal de Monsanto, que é considerado o “pulmão verde” da cidade, com uma área de aproximadamente 1000 hectares de vegetação. Ambos, o Parque Florestal de Monsanto e o Panorâmico de Monsanto, pertencentes à Câmara Municipal de Lisboa, possuem oferta de contemplação da natureza e exploração do local de forma organizada, fazendo assim com que sua utilização seja de densidade controlada e não intensa. Estes dois aspectos constituem aspectos que tornam a sua utilização constante ao longo do tempo.

Outro fator que influencia a sua constância de utilização é a sua localização, que devido às difíceis condições de acesso e falta de transporte, revela falta de desorganização.

Enquadramento Arquitetônico

O edifício Panorâmico de Monsanto está situado a 205 metros de altitude, integrado em 7 andares que juntos somam aproximadamente 7000 metros quadrados de área em plantas circulares. A construção possui 3 pisos enterrados (0, -1 e -2), sendo o piso -2 construído após composição inicial do projeto, já nos anos 80. Em consequência das variadas utilizações que fizeram parte do histórico do panorâmico, o mesmo foi alvo de alterações espaciais e construtivas, como a inclusão de obras de arte, a alteração da vidraça da escada, novas artes em suas paredes, etc.

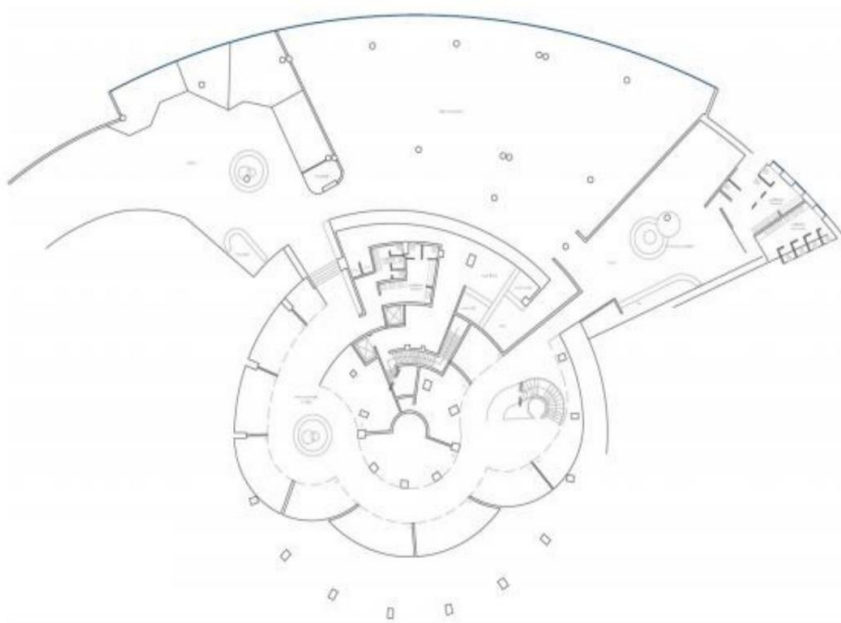


Figura 16 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso -1.

(Fonte: Helena Ribeiro. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>)

O projeto piloto integrava um grande e luxuoso restaurante nos pisos 1 e 2 e contava com zonas de estar e áreas técnicas, estas localizadas no piso 0. A maior planta é a do piso -1, que foi destinada às lojas, uma sala para congressos e também conta com copa e cozinha.



Figura 17 - Panorâmico de Monsanto. Piso 0.

(Fonte: Pedro Almeida. Acesso: <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2015/07/restaurante-panoramico-de-monsanto.html>)

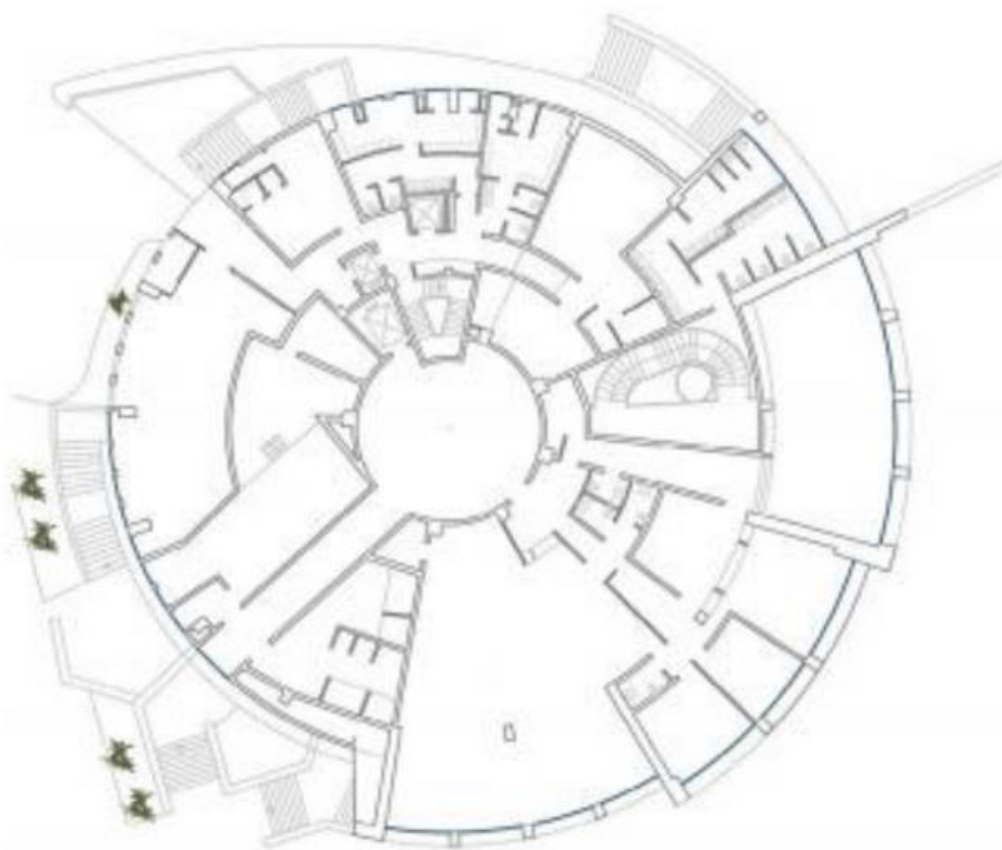


Figura 18 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso 0.

(Fonte: Helena Ribeiro. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>)

O Piso 0 foi pensado como andar de serviço, com uma entrada secundária que se integrava aos escritórios da administração, sala de computadores, arrumos, refeitório pessoal e outros, melhor dizendo, as áreas de apoio da construção.

O Piso 1 foi arquitetado para atuar como entrada principal que teria protagonismo no edifício, sendo ocupado pelas principais salas de restaurante e de onde é possível também utilizar como panorâmico, já que o nível privilegia uma vista da capital de Portugal.



Figura 19 - Panorâmico de Monsanto. Piso 2 esboço da sala de refeições (anos 60).

(Fonte: Pedro Almeida. Acesso: <http://lisboahojeontem.blogspot.com/2015/07/restaurante-panoramico-de-monsanto.html>)

Figura 20 - Panorâmico de Monsanto. Fotografia da mesma abandonada (2015).

(Fonte: Helena Ribeiro. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>)

O Piso 2 foi inicialmente projetado para integrar o salão e servir como apoio ao piso 1, sendo também dedicado à restauração e recepção do público. Inicialmente o andar possuía duas escadas, uma principal e uma interna, mas eventualmente foi elevada uma plataforma equiparada ao piso com corrimões, agregando um piso intermédio ao andar.



Figura 21 - Panorâmico de Monsanto. Planta Baixa Piso 4.

(Fonte: Helena Ribeiro. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>)

O Piso 3 e 4 foram projetados para servir de miradouro. Estão concentrados no topo do edifício, seguindo sua forma circular e tornando-se menor em diâmetro. No projeto inicial ainda possuía letreiros escrito “RESTAURANTE” por cima do piso

4. O Piso 3 é isolado, sem vista para o exterior, apenas servindo de acesso, e o Piso 4 possui vista da cidade de Lisboa e da Floresta de Monsanto.

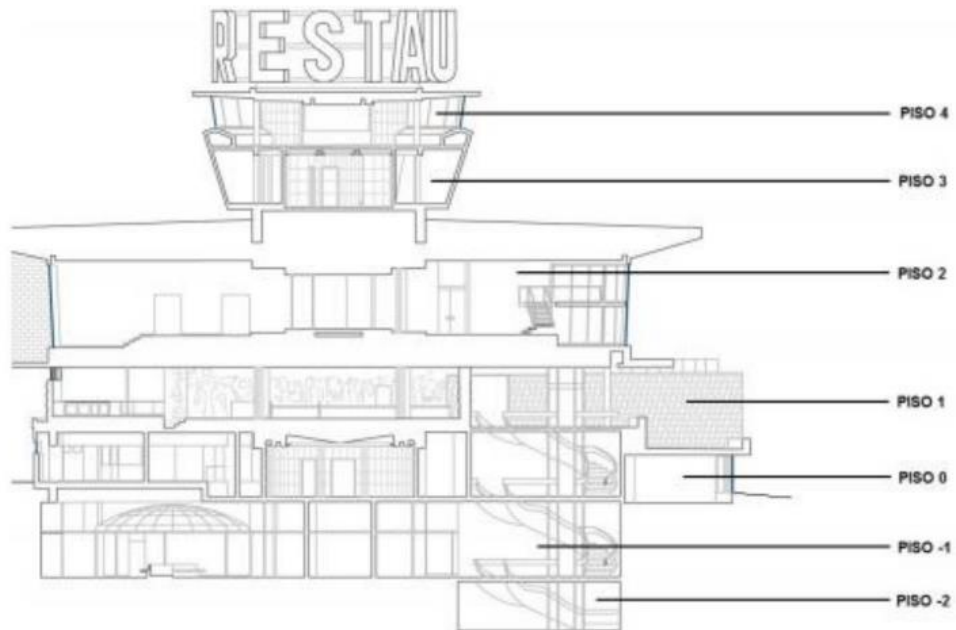


Figura 22 - Panorâmico de Monsanto. Corte.

(Fonte: Helena Ribeiro. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>)

IV. Análises

4.1. Análise SWOT

A análise SWOT, também conhecido como FOFA (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças) é uma técnica utilizada na arquitetura para auxiliar o planejamento de projetos onde, em forma de estudo ajuda de maneira estratégica a definir as forças, oportunidades, fraquezas e ameaças de um local, fazendo com que a junção dessas informações seja proveitosa para um estudo de caso específico em determinada região e projeto, baseado em suas necessidades e características específicas. (SWOT Analysis: Discover New Opportunities).

Apresenta-se de seguida a análise SWOT em relação ao Panorâmico de Monsanto e ao espaço circundante:

FORÇAS:

- Versatilidade de usos.
- Oportunidades de Intervenção na Perspectiva da Economia Circular.
- Parques de estacionamento. Quem visita consegue estacionar o carro no pátio do miradouro enquanto o mesmo estiver aberto de forma gratuita. Diferente de outras localidades da cidade que cobram taxas de manuseio por manter o carro estacionado, o miradouro dispõe dessa opção de forma gratuita, proporcionando assim atrativos para sua visita.
- Percurso interativo e criativo. Em todas as visitas ao Monsanto é possível observar diversas pessoas usufruindo do local à sua maneira. Enquanto uns vão para pegar sol, outros para atividades criativas, alguns limitam-se a apreciar a vista e outros a momentos de lazer em família. São inúmeras as atividades possíveis de serem realizadas no panorâmico e uma não depende ou limita outra de acontecer em simultâneo.
- Sensação de pertencimento. Qualquer pessoa tem a liberdade de solicitar da Câmara Municipal de Lisboa a opção de grafitar nas paredes do Monsanto, e ter a realização de possuir uma arte sua em um local tão emblemático de uma cidade traz a pessoa de forma individual a sensação de pertencimento, que legado e de proximidade com o meio, por saber que esses desenhos fazem parte da identidade arquitetônica do lugar e muitos curiosos visitam o Monsanto apenas para admirar esta faceta do lugar.

- Zona calma e sossegada; Além de ser um bairro majoritariamente em formato de parque florestal, a pouca área que não ocupa esta função é dedicada a zona residencial. Em observações feitas nas visitas também foi possível observar que o bairro é calmo, pouco barulhento, conseguem fazer obras viárias e prediais sem causar grandes transtornos e a área é provida de poucos sem abrigo. Características essas que baseadas nos usos que o edifício recebeu, podem ser bem proveitosas.
- Permeabilização. Por conta de seu vasto arbóreo, grande parte do bairro tem a superfície permeável, causando facilidade de escoamento das águas, que, por si só, já é facilitado pela topografia local, gerando baixíssimas possibilidades de águas paradas em épocas de chuva.
- Ruas de boa qualidade. O percurso feito para chegar ao Miradouro conta com estradas de boa qualidade e manutenção, além de sinalização adequada.
- Espaços verdes em fartura. O Monsanto por si só é um dos parques florestais mais emblemáticos da região, possui alguns miradouros, que se inserem ao espaço por seus acessos em proximidade com a via de trânsito, o que causa facilidade de interação com o mesmo. Além destes, o bairro dispõe de áreas descampadas, calçadas com distribuição de árvores, camping com distribuição de mesas para piquenique, entre outros.
- Altíssima qualidade acústica. Além de estar localizado nas proximidades do Parque do Monsanto, tendo assim barreira sonora diurna e noturna feita pelas árvores, o Panorâmico também é isolado no alto do bairro, além de na parte mais próxima do entorno não existir usos de comércio ou residência, o que faz com que a circulação rodoviária não seja frequente, limitando-se a pequena unidade militar localizada nas proximidades.
- Salvaguarda. O local não apresenta mais sinais de abandono. O que antes era notório e trazia prejuízos do desabrigo, por exemplo, falta de luz, insegurança, invasão; que tornavam o local desconfortável e trazia sensação de insegurança para quem ali passava, não acontece de todo. Desde setembro de 2020 quando o local foi inaugurado como galeria de arte pública de Lisboa que o mesmo tem horário de abertura e encerramento, e seguranças que monitoram o lugar e ajudam a estabelecer a ordem e organização local.
- Variedade de oferta em equipamentos de lazer. Em toda a área do bairro, encontram-se diversos equipamentos de lazer, voltados para as mais diversas idades e usos.

- O local possui bastante identidade artística e cultural. Dentre as obras de artes expostas nos espaços do panorâmico podemos citar uma pintura mural de Luís Dourdil, um painel de azulejos com imagens de Lisboa antes do terramoto de 1755 feito pela ceramista Manuela Ribeiro Soares, um baixo relevo de granito criado pela escultora Maria Teresa Quirino da Fonseca, um carro em contato com a natureza e um lobo de Tamara Alves, uma escultura metálica em seu exterior, assinada pelo ilustrador Diogo Machado, uma cama de betão em seu interior feito pela artista plástica Wasted Rita, além de um mural do Vhils feito em homenagem a ativista carioca Marielle Franco.
- Zona com elevada afluência turística.
- Boas vistas de proximidade e profundidade.

FRAQUEZAS:

- Pouca constância de usos.
- Oscilação no histórico de usos, trazendo assim uma ideia de que nada “cabe” ao edifício.
- Fraca notoriedade das potencialidades da região, inclusive da própria localização geográfica.
- Falta de Mobilidade urbana.
- Pouca Polícia de Segurança Pública ou inexistente. Por mais que o Miradouro possua em seu portão um agente responsável, no restante do Parque não é tão comum encontrar com facilidade.
- Localização recuada. Como já mencionado anteriormente, a localização do Miradouro é de difícil acesso, além de ser restrita a apenas uma via de transporte público, que por si só já diminui consideravelmente o número de pessoas da cidade que alcança circulação facilitada para a localidade.
- Difícil acesso. Por conta das barreiras mencionadas anteriormente, o bairro está isolado da cidade, afligindo principalmente o pedestre, que encontra altíssima dificuldade de acesso.
- Alcance insuficiente de turismo em relação a outros panorâmicos da cidade. Mesmo localizado em uma capital europeia, o bairro não possui diversidade de atrativos, nem é encontrado em roteiros turísticos da cidade de Lisboa.

- Exclusão do pedestre. A via de acesso ao Panorâmico de Monsanto possui apenas acesso a veículos motorizados, além de não existir outra ligação direta ao bairro, trazendo assim mais uma vez menos alternativa ao pedestre.

OPORTUNIDADES:

- Edificação flexível. Possui em seu histórico diversos usos que vingaram no período em que esteve ativo.
- Permanência como vazio urbano - oportunidade de utilização diversificada de entre usos durante ausência de uma função âncora ao local.
- Quebrar o isolamento do edifício, aumentando a sua atratividade, nomeadamente, tirando partido da proximidade das suas infraestruturas desportivas e recreativas.
- Possibilidade de aproveitar o telhado desocupado.
- Melhoramento de seus lucros.

AMEAÇAS:

- A intensificação do isolamento social da edificação em si em relação ao resto da cidade.
- Prioriza o individualismo viário em detrimento do peão. As calçadas conseguem ser bastante precárias e em alguns casos algumas ruas não possuem calçadas de ambos os lados, dificultando o acesso ao local.
- Falta de investimento em sua acessibilidade, deixando em desuso um espaço com à proporção que o Panorâmico tem, acontecendo o que é sua realidade: abandono.
- Maus usos do local. Enquanto abandonado, o edifício foi utilizado para diversos usos inapropriados, como consumo de drogas, visitas ilegais e pixação irregular.

NOTA: É importante ter em conta que esta análise foi feita baseada no uso do Panorâmico desde setembro de 2020, quando o local passou a ser oficialmente galeria de arte pública de Lisboa.

V. Considerações Finais

O que podemos concluir com este estudo e com as informações coletadas é que os usos e entre-usos que são atribuídos aos vazios urbanos estão diretamente ligados ao seu potencial. Os entre-usos começam de forma espontânea, sem previsão ou compromissos, alcançando então dimensões governamentais.

Pode-se observar em seu histórico de usos que o Panorâmico de Monsanto nasceu de uma encomenda de carácter político através de um presidente da época, e então passou a ser transmitido para pessoas de poder na câmara, fazendo com que seus interesses pessoais fossem diretamente ligados aos usos que receberia, e se receberia algum.

Considerando que o Panorâmico de Monsanto é uma das obras maiores do período moderno em Portugal, que possui uma localização e vistas privilegiadas sobre a cidade de Lisboa, com uma arquitetura inovadora para a época, representando ainda património municipal e histórico que importa preservar, a sua actual situação de abandono e de futuro incerto.

Durante a produção desta investigação pretendeu-se aprofundar conhecimentos relativamente às temáticas abordadas, sendo elas as questões de requalificação urbana e os processos de desenvolvimento urbano. Como uma das consequências dos processos os vazios urbanos. Reconhecemos que uma possibilidade de revitalização através da apropriação de usos forma de revitalizar edifícios e espaços urbanos que por vezes se encontram muitos anos como espaços desinteressantes e desconectados.

A apropriação dos vazios urbanos as cidades mais sustentáveis, com uma utilização mais abrangente, todavia essa não é uma tarefa rápida ou fácil. Apesar do estudo aqui apresentado considera-se que as questões levantadas precisam de largo estudo e análise sob diferentes perspectivas, para que a possibilidade de utilização desses vazios seja realizada em benefício do bem-estar social de todos os utilizadores. A partir da identificação e delimitação deste espaço, podemos avançar com novos estudos acerca do que são e onde estão esses vazios dentro da realidade de cada cidade. Podemos então estudar seus possíveis potenciais e qual a melhor maneira de agregar um uso útil à população local, para unir forças e conseguir trazer para o espaço a sua melhor versão de modo a acarretar benefícios aos cidadãos do local.

Como referencial teórico, o trabalho se apoiou nas discussões sobre a flexibilidade e a adaptabilidade, qualidades estas, essenciais para a questão do uso dos edifícios. Ao definir os conceitos, buscou-se esclarecer o que há em comum entre estes conceitos suas distinções, interações e aplicabilidades. Verificou-se, que apesar dos termos serem por vezes confundidos e/ou usados como sinônimos, possuem significados diferentes. Conforme observado nos discursos dos autores apresentados nesta dissertação, o conceito de flexibilidade está relacionado a mobilidade, evolução, elasticidade, adaptabilidade, polivalência, participação, multifuncionalidade, diversidade, entre outros. Enquanto o da adaptabilidade refere-se, a espaço extra, simplicidade, ambiguidade, baixa hierarquia, neutralidade, multifuncionalidade e agregação de funções. Apesar das diferenças conceituais, a flexibilidade e a adaptabilidade, estão diretamente interrelacionadas uma com a outra, verificando-se no Panorâmico de Monsanto ambas essas características que fizeram com que este edifício fosse resistindo à passagem do tempo e às vicissitudes a que este edifício foi sujeito.

Bibliografia

Architecture for Humanity (ed) 2012). Design Like You Give a Damn [2]: Building Change from the Ground Up Paperback – May 1, 2012 by Kate Stohr (Author), Cameron Sinclair (Author), Architecture for Humanity (Editor)

BAPTISTA ,L. S., PAIS, M. R. (2019). (coord.) Viagem ao invisível : Espaço, Experiência, Representação. Lisboa: Purga.

BARBOSA, Mirella (2016). Arquitetura flexível: um desafio para uma melhor qualidade habitacional.

Acesso:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11663/1/Arquivototal.pdf>

BENTLY, ALCOCK, MURRAIN, MCGLYNN, SMITH. (1999). Responsive environments.

BENTLEY, I.; ALCOCK, A; MURRAIN, P.; MCGLYNN, S.; and SMITH, G. (2010). Responsive Environments: A Manual for Designers. Oxford: Architectural Press.

BORDE, A. (2006). Vazios Urbanos: perspectivas contemporâneas. [Tese de Doutorado], Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: http://pct.capes.gov.br/teses/2006/926737_6.PDF

BRITO, E.; COSTA, P. (2018). Panorâmico de Monsanto a Ilusão do Abandono a Vitória da Ruína. Lisboa.

CALVINO, I. (1999). As cidades Invisíveis. Lisboa: Teorema.

CALZA, S.; ROMERO, R. W. (Ed.). (data). Balanced Urban Revitalization for Social Cohesion and Heritage Conservation. Paris: UNESCO.

CEDRU (1990). Valorização de Lisboa. Lisboa: VALIS, CEDRU.

COLIN, B. (2008). “Social sustainability in historic districts: international comparative research on social transformations within historic districts”. In YUAN, Y.; WEI, C.

CRIEKINGEN, M.; FLEURY, A. (2013). The trendy city: gentrificação e dinâmica comercial em Bruxelas e Paris. 27 de dezembro.

DIGIACOMO, M. C. (2004). Estratégias de Projeto para a Habitação Social Flexível. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. 163f.

DGOTDU (2000) "Vocabulário do ordenamento do território", Lisboa; DGOTDU/UTL (1990) "Normas urbanísticas - Princípios e conceitos fundamentais", Volume 1, 2.^a edição, Lisboa.

FERREIRA, A. (2013) Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.

FERREIRA, V. M. INDOVINA, F. CASTRO, A. (1999). A Cidade da Expo'98, Uma Reconversão na Frente Ribeirinha de Lisboa. Lisboa: Bizâncio.

FLORIDA, R. (2000). The rise of the creative class, and how it is transforming work, leisure, community and everyday life. Nova York: Basic Books.

FORTY, A. (2000). Words and Buildings a Vocabulary of Modern Architecture. Thames & Hudson, London.

GAFFNEY, C. (2014). Gentrificação e megaeventos no Rio de Janeiro. São Paulo: USP.

GROÁK, S. (1992). The Idea of Building. Thought and Action in the Design and Production of Buildings.

HERTZBERGER, Herman. (1991) Lições de arquitetura. 2^a ed. São Paulo: Martins Fontes.

HERZOG, C. P.; ROSA, L. Z. (2010). Infraestrutura verde: sustentabilidade e resiliência para a paisagem urbana. Labverde.

HUDSON, R. (2010). Resilient regions in an uncertain world: Wishful thinking or a practical reality? Cambridge Journal of Regions, Economy and Society, 3 (1), 11–25.

IAPXX: inquérito à arquitectura do século XX em Portugal. (2006) Lisboa: Ordem dos Arquitectos.

JORGE, P. F. (2019). Vazios Úteis - Cerzir a Cidade. Instituto Politécnico de Leiria. Acesso: https://www.researchgate.net/publication/332080062_VAZIOS_UTEIS_-CERZIR_A_CIDADE

LABASSE, J. (1996). L'Organisation de l'espace, éléments de géographie volontaire. Cidade: Paris. Front Cover.

LEFEBVRE, H. [1969] (2001). O direito à cidade. São Paulo: Documento. Editora Centauro.

LEES, L.; SLATER, T.; WYLY, E. Gentrification. London and New York Ed. Routledge, 2008.

LEITE, J. (2014). Restaurante Panorâmico de Monsanto. Lisboa.

LIRA, R. (2006). Direito Urbanístico, Estatuto da Cidade e Regulamentação Fundiária, p. 12. Revista Direito da Cidade.

MACCREANOR, G. (1998) - Adaptability. A + T Housing and Flexibility I.

MARTINS, C. (2018). O óvni de Lisboa. Expresso, Impresa Publishing S.A. Lisboa.

MADUREIRA, H. (2014). Infraestrutura Verde na Paisagem Urbana contemporânea: o desafio da conectividade e a oportunidade da multifuncionalidade. Revista da Faculdade de Letras, pp. 33-43. Porto: Universidade do Porto. Acesso: https://www.researchgate.net/publication/280728345_Infra-estrutura_verde_na_paisagem_urbana_contemporanea_o_desafio_da_conectividade_e_e_a_oportunidade_da_multifuncionalidade.

MERLEAU-PONTY, M. (1964). Le Visible et l'Invisible. France. Gallimard.

MOREIRA, G. (2007). Requalificação urbana. Alguns conceitos básicos. Artitextos, (07). Lisboa: Universidade de Lisboa. Acesso: <https://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1802>

MOURA, D., GUERRA, I., SEIXAS, J., & FREITAS, M. J. (2006). A revitalização urbana: contributos para a definição de um conceito operativo. Cidades, Comunidades e Territórios, (12-13), pp. 15-34. Acessível: Contributos para a Definição de um Conceito Operativo1 <https://revistas.rcaap.pt>

MONTE, M. (2017). Entre-Usos como Ferramenta Urbanística: Referências de Berlim e Contributos para Lisboa. Lisboa: ISCTE-IUL. [Tese de doutoramento, Iscte - Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do Iscte. Acesso: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/16749>

MENDES, L. (2013). A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo. urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana (Brazilian Journal of Urban Management), v. 5, n. 1, p. 33-45. Acesso: <https://www.scielo.br/j/urbe/a/3N9PYJv3CJ8WntFbMVYnVCM/?format=pdf&lang=pt>

OLIVEIRA, N. G. (2017). Gentrificação e moradia social. Gramma Livraria e Editora. Janeiro 1.

OLIVEIRA, N. G. (2012). O Poder dos Jogos e os Jogos de Poder: os interesses em campo na produção de uma cidade para o espetáculo esportivo. [Tese de doutoramento]. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2012. Acesso: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/789442.pdf>

PISANI, M. A. J. (1999). Projeto de Revitalização de Edifícios. Sinergia, São Paulo, 3(2).

PINTO, T. (2004). Qualidade de Vida Cidades - Comunidades e Territórios. Dez. 2004, n.0 9, pp. 99-120 Reflexões e Debates em Torno de um Conceito.

PLANO DE ATIVIDADES DGT 2021. Documentos anuais de gestão. DGT - Direção-Geral do Território. Disponível em: chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/documentos-publicos/Plano_Atividades_DGT_2021.pdf. Visitado em 15 de março de 2022.

RABENECK, A. et. al. (1974). 'Housing flexibility' in Architectural Design, vol 49 No.2 pp. 76-91.

RABENECK, A. (1973). Housing Flexibility/Adaptability. Architectural Designer 2/1974.

RANGEL, N. (2015). O esvaziamento do conceito de gentrificação como estratégia política. Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do Título de “Bacharel em Ciências Sociais”. Florianópolis.

ROBERT, P.; Sykes, H. (2000). Urban Regeneration. A Handbook, British Urban Regeneration Association.

SANTOS, D.; RIBEIRO, H.; SANTOS, J.; NAUMANN, S. (2017). Trabalho de Análise de Investimento. Caso de Estudo: Edifício do restaurante de Monsanto. Lisboa: ISEL, Departamento de Engenharia Civil. Acesso: <https://issuu.com/helenajribeiro/docs/pg-crc-gce-trabalho-final-26-07-17>

SCHNEIDER, T.; TILL, J. (2007). Flexible Housing. Architectural Press.

SEIXAS, J.; COSTA, P. (2011). Criatividade e governança na cidade. A conjugação de dois conceitos poliédricos e complementares* Creativity and governance in the city. The conjugation of two complementary polyhedral concept. Cad. Metrop., São Paulo, v. 13, n. 25, pp. 69-92. Acesso: <https://revistas.pucsp.br/metropole/article/download/5982/4325/14574>

SOLÀ-MORALES, I. (1995). - Terrain Vague. Anyplace. Nova Iorque/Cambridge: Anyone Corporation/The MIT Press. pp. 118-123. Acesso: <https://esquerdadireitaesquerda.files.wordpress.com/2014/04/terrain-vague-sola-morales-21.pdf>

Stephen R. Kellert and Edward O. Wilson. (1993). The Biophilia Hypothesis. Island Press, Washington, DC.

TALLON, A. (2010). Urban regeneration in the UK. Londres: Routledge.

TEDESCHI, R. G., & KILMER, R. P. (2005). Assessing Strengths, Resilience, and Growth to Guide Clinical Intervention.

VEIGA, A. J. P.; Daniela Andrade Monteiro; MATTA, Jana Maruska Buuda (2011). Vazios urbanos e sustentabilidade

WILSON, E. (1993) The Biophilia Hypothesis. Island Press

[Plano Atividades DGT 2021.pdf \(dgterritorio.gov.pt\)](#)

Links

<https://www.dn.pt/cultura/vhils-homenageou-ativista-brasileira-marielle-franco-com-mural-em-lisboa--9887486.html> em 15 de abril de 2020.

https://www.youtube.com/results?search_query=2001%2C+Odisseia+no+Espa%C3%A7o em 15 de abril de 2020.

O óvni de Lisboa. Christiana Martins. (2018) Expresso - Impresa Publishing S.A. Lisboa.

<http://www.cm-arruda.pt/paru>. Câmara Municipal de Arruda dos Vinhos. Visitado em 16 de maio de 2020.

Estatuto dos Benefícios Fiscais. Decreto-Lei n.º 215/89. Disponível em: <https://dre.pt/dre/legislacao-consolidada/decreto-lei/1989-34554075>. Visitado em 17 de março de 2021.

Estudo avalia a Saúde, Bem-estar e Produtividade nos Escritórios. Redação SustentArqui. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/saude-bem-estar-e-produtividade-nos-escritorios/>. Acessado em 25 de fevereiro de 2022.

Festival do Iminente. iminente.org/about/. Visitado em 14 de março de 2022.

<https://expresso.pt/monsanto/>. Visitado em 13 de setembro de 2021.

[www. Nomads.usp/U-Blanca Toyo ito Nomads_usp.mht](http://www.Nomads.usp/U-Blanca_Toyo_ito_Nomads_usp.mht). Visitado em 15 de setembro de 2022.

Home | World Green Building Council (worldgbc.org). Visitado em 15 de setembro de 2022.

<https://informacoeseservicos.lisboa.pt/contactos/diretorio-da-cidade/miradouro-panoramico-de-monsanto>. Visitado em 03 de maio de 2022.